



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

ROBERTO DE MELO FIGUEIREDO

Novas territorialidades do espaço urbano: o trabalho e o lugar do catador.

Viçosa
Minas Gerais – Brasil
2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Novas territorialidades do espaço urbano: o trabalho e o lugar do catador.

Monografia apresentada à disciplina
GEO 481 – Monografia e Seminário - da
Universidade Federal de Viçosa como
requisito parcial a obtenção do grau de
bacharel em Geografia.

Orientador: Ulysses da Cunha Baggio

Acadêmico: Roberto de Melo Figueiredo

Viçosa
Minas Gerais – Brasil
2011

Banca examinadora:

Ulysses da Cunha Baggio (orientador) - DGE

Lídia Lúcia Antongiovanni – DGE

Nádia Dutra de Sousa - DCS

Agradecimentos

Aos Deuses Jesuíta, Roberta, Divino, Rômulo e Thaysa (meu amor) que me fortaleceram nesta socialização acadêmica. **Aos meus tios Moisés e Bete e Vó Mariinha** (*in memoriam*) que abdicaram das suas poucas territorialidades e recursos que hoje permitiram materializar esse sonho.

Aos amigos que fiz: na AGB, na Geografia, no alojamento 1622, no Projeto InterAção, na ACAMARE, nos Correios de BH e de Viçosa, nas Escolas, nos Bares, nas Ruas e Sarjetas (“seita do álcool e do sexo”) e a Thaís Reis etc. que, apesar da fluidez, contribuíram para o meu “ensino-apredizagem”.

Por fim, Ao mundo do trabalho ao qual sempre fui domesticado, mesmo sem querer e sem saber o que me esperava.

Resumo

Com o desenvolvimento do urbano estimulado por um estilo de vida centrado no consumo, o empobrecimento da população gerado pelas crises do trabalho e as propostas ecológicas suscitadas pelos ambientalistas, viu-se crescer no Brasil na década de 1990 um contingente de trabalhadores que passaram a compor as paisagens urbanas. Estes trabalhadores batizados por catadores de materiais recicláveis passam a retirar do “lixo” o sustento de suas famílias por meio do processo da reciclagem. Reconhecidos ou não pela sociedade civil, esses sujeitos se inscrevem no cotidiano das cidades com diversos tipos e formas de produção, solidárias ou não, desenvolvidas nas ruas, galpões, usinas de triagem etc. Esse trabalho tem por objetivo entender o lugar de trabalho do catador de Viçosa-MG, em especial da Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa (ACAMARE), bem como compreender as relações socioespaciais que estruturam a indústria da reciclagem. Visualizou-se que entre a prática e a teoria de trabalho da ACAMARE iniciase um processo que permeia a lógica da economia solidária, apesar das inúmeras transformações que colocam a prova tal forma de organização.

Resumen

Con el desarrollo del urbano estimulado por el estilo de vida centrado en el consumo, el empobrecimiento de la población generado por las crisis del trabajo y las propuestas ecológicas levantadas por los ambientalistas, se vio crecer en Brasil, en los años 90 un contingente de trabajadores urbanos que compusieron los paisajes urbanos. Estos trabajadores bautizados por recicladores de basura que retiran de la basura el sustento de su familia por medio del proceso de la reciclaje. Reconocido o no por la sociedad civil, esos sujetos se inscriben en el cotidiano de las ciudades con diversos tipos e formas de producción, solidaria o no, siendo ellas desarrolladas en las calles, departamentos, centro de triaren, etc. Esto trabajo tiene por objetivo entender el lugar de trabajo de los recicladores de basura de Viçosa-MG, en especial de la Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa (ACAMARE), además comprender las relaciones socio espaciales que estructuran la industria papelera. Visualizase que a través de las practicas e las teorías de trabajo de la ACAMARE iniciase en el proceso que permeia la lógica de la economía solidaria, a pesar de las inúmeras transformaciones que colocan a prueba tal forma de organización.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	6
2	Metodologia.....	9
3	Um olhar geográfico sobre a relação homem-meio.....	12
4	O trabalho do catador e o espaço de trabalho.....	20
	4.1 Resignificação de velhas formas: o trabalho do catador.....	27
5	Economia solidária e o trabalho do catador.....	33
6	O retrato dos resíduos sólidos em Viçosa.....	41
	6.1 ACAMARE e o lugar de trabalho.....	45
7	Considerações finais.....	50
8	Anexos.....	54
9	Bibliografia.....	71

INTRODUÇÃO

São alarmantes as amplas discussões sobre a sustentabilidade do planeta. Essa perspectiva se reflete nas inúmeras notícias divulgadas pela mídia e nos estudos socioambientais. O resíduo sólido urbano é mais um componente impactante que se relaciona com o nosso modo de vida e tem sua espacialidade marcada. Os efeitos são amplamente divulgados: impulsor de doenças, poluidor devido à ação decompositora quando depositado em locais impróprios, sem contar o impacto visual e o mau cheiro causado pelo mesmo. Segundo a Norma 10.004 da ABNT (2004) os resíduos sólidos são

Resíduos nos estados sólido e semi-sólido, que resultam de atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição. Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpos de água, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis em face à melhor tecnologia disponível.

Desde as primeiras políticas sanitárias do início do século XX são acrescentadas novas maneiras de lidar com os resíduos sólidos urbanos, no intuito de evitar a proliferação de doenças a partir de um processo de higienização e embelezamento. Após o surgimento do movimento ambientalista de 1980, outras transformações surgem e passam a considerar medidas de menores impactos sobre o meio em que habitamos como, por exemplo, o controle na forma de consumir com o objetivo de mitigar a elevada produção de “lixo”.

O modo de vida capitalista gera toneladas de resíduos seja por consequência da produção de mercadorias seja induzindo a produção de “lixo” pós-consumo. Somos estimulados por um rearranjo de idéias que nos fazem crer na conciliação da felicidade por meio da compra. Intermediada pelo papel da mídia que utiliza variados recursos a fim de instigar o desejo de ter e ser por meio da compra.

Como forma de repensar a produção, a onda consumista e os impactos ambientais foram criadas diversas alternativas tais como: criação de aterros controlados ou sanitários, reciclagem e reaproveitamento. No caso da reciclagem, o benefício permeia como forma de gerar emprego, ou renda. Segundo o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)¹, o Brasil possui 300 mil catadores, podendo chegar a 800 mil², devido a

¹ Movimento social criado em 2001 a fim de lutar pela causa do catador.

fatores estruturais da economia, como o desemprego. Esses trabalhadores enxergam nesta atividade produtiva uma forma de sobreviver diante de um universo do trabalho competitivo e desigual. Mulheres e homens emprestam sua força de trabalho para o desenvolvimento desta atividade e sustentam uma cadeia produtiva ainda pouco explorada, mas que vem se estruturando de diversas formas como a formação de rede de cooperativas.

Entender o lugar do catador, ou melhor, do trabalhador, é entender a espacialização do valor pago pela atividade desenvolvida, é perceber o eu diante da sociedade local e global. Além disso, demonstra claramente a influência do global sobre o local, formando espacialidades precárias, mas de resistências.

Indaga-se dessa forma, se o trabalho desempenhado na separação de materiais recicláveis configura-se ou pertence a uma nova modalidade social de trabalho que, por sua vez, representa ou cabe à mesma dinâmica de funcionamento presente em uma empresa capitalista.

Nesse sentido, as motivações para desenvolver este trabalho perpassam sobre a necessidade de entender a espacialidade do trabalho, as relações produzidas e induzidas ao trabalhador da catação. Ademais, outro fator é o papel atribuído ao sujeito que empresta permanente ou temporariamente sua força de trabalho à catação de materiais recicláveis, atividade marcada pela “exclusão socioespacial”³ Carneiro e Corrêa (2008).

Por fim, a escolha pela atuação desses sujeitos se inscreve no espaço por meio do seu cotidiano que, a partir dos projetos de extensão⁴ desenvolvidos há três anos na Universidade Federal de Viçosa, orienta a sistemática aqui apresentada. Durante esse período os trabalhadores socializaram parte dos seus conhecimentos, possibilitando (re) pensar a organização espacial desse grupo por meio do seu espaço de convivência freqüentado por

² Dados explorados do Instituto ETHOS no endereço: http://www.ethos.org.br/CI/apresentacoes/apresentacoes_09-06/RobertoLaureano-MovNacCatadoresMateriaisReciclaveis.pdf.

³ Considera-se exclusão socioespacial o trabalho da catação que tem reflexos que se matizam numa reprodução social contribuída pelo baixo valor pago sobre os materiais recicláveis e espacial que delimita a ação do catador nos espaços urbanos e rurais que lhe são direcionados.

⁴ Tratam-se de projetos desenvolvidos como bolsista pelo Programa Institucional Bolsas de Extensão Universitárias- PIBEX. São estes: A Inclusão Transformadora Por Meio de Redes Sociais (2009) e o projeto Responsabilidade Social e Meio Ambiente: a intervenção como inovação (2010), com os quais inseridos no Projeto InterAção: Responsabilidade Social e Meio Ambiente que busca a implantação e consolidação da coleta seletiva no município de Viçosa, centrando em melhores condições de vida e renda aos trabalhadores da ACAMARE.

poucos, além de ser uma possibilidade de reafirmação, a partir de suas ações, enquanto *locus* de esperança e resistência às lógicas estabelecidas para o universo do trabalho formal.

Estruturou-se este trabalho em quatro capítulos que discorrem a respeito da atuação sobre a natureza das mais complexas formas de interação, como os recursos naturais e humanos transformados em mercadorias.

O primeiro capítulo busca investigar a relação homem-natureza intensificada pelo uso da técnica. Essa estimula o processo de extração e degradação dos recursos naturais, pois ao se produzir mercadorias aptas para serem consumidas em um curto espaço-tempo, estas são brevemente descartadas, o que gera sérios problemas socioambientais para o mundo.

Já o segundo capítulo tem como foco as evoluções do mundo do trabalho formal permeados pelo desenvolvimento da técnica que produzem o espaço de trabalho do catador, demonstrando que essa profissão não surge na década de 1990, mas que o seu reconhecimento social está marcado por uma luta desse segmento social.

O terceiro capítulo traz algumas formas de trabalho de muitas associações de catadores que consideram as experiências solidárias em suas organizações, rompendo a lógica individualista proposta pelo modo de produção capitalista de trabalho.

E por fim, no quarto capítulo, discute-se, as relações materializadas do trabalho do catador de materiais recicláveis de Viçosa que possuem toda a sua especificidade caracterizada pelas ações históricas.

Assim, ao focalizar o processo da reciclagem como alternativa a lógica produtiva dos resíduos sólidos urbanos, observar-se que o espaço de trabalho do catador aponta para a visualização de como os resíduos sólidos urbanos degradam o meio geográfico, aparentemente natural; marcado por uma degradação social, representado pelo trabalho da catação que não tem o reconhecimento dos indivíduos; o que interfere na organização do grupo e na sua dinâmica de trabalho.

METODOLOGIA

Metodologicamente, partiu-se de certo conhecimento previamente compartilhado, pela convivência, com os mais diferentes agentes sociais envolvidos com a produção e o destino final do resíduo sólido urbano doméstico: trabalhadores da catação, professores e alunos de projetos⁵, gestores de limpeza pública municipal e estadual nos mais variados espaços de debates como: congressos, seminários, fóruns, que embasaram tal discussão. Dessa forma essa pesquisa se orienta em analisar os documentos “indiretos e diretos” (MARCONI e LAKATOS, 2010)

Para Marconi e Lakatos (2010) os documentos indiretos se relacionam com o levantamento de dados por meio de fontes escritas ou não, tanto primárias quanto secundárias dependendo do momento histórico que estão inseridas. Dessa forma, utilizou-se de arquivos públicos oficiais como os convênios firmados entre a Universidade Federal de Viçosa e a Prefeitura Municipal de Viçosa; fontes estatísticas como os dados disponibilizados pelo IBGE e pesquisas bibliográficas tanto da imprensa escrita quanto de publicações. Já os documentos diretos são práticas de caráter exploratório apropriado à pesquisa de campo. Neste caso, considerou-se a observação participante e entrevistas.

Levantou-se e fez-se uma análise sobre a literatura que tangencia os diversos olhares sobre o mundo do trabalho, economia solidária e os aspectos espaciais produzidos e reproduzidos, todas orientadas pela geração do resíduo sólido urbano doméstico, popularmente conhecido por “lixo”. Tal procedimento se justifica em um maior aprofundamento sobre os temas estudados, podendo nutrir um “exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 57).

Sobre o mundo do trabalho, enfocou-se nas transformações técnicas que marcaram em profundidade a vida social. Já sobre a economia solidária, sistematizou-se esse trabalho a partir das teorias recentes que discutem que a origem deste movimento está vinculada as transformações provocadas pelas reestruturações produtivas que direta e indiretamente afetam os trabalhos formais. Assim, tanto a evolução técnica quanto as diversas formas econômicas que estimulam a justiça, ambas inscritas no espaço, são estimuladas pelas ações voluntárias e involuntárias dos sujeitos que o produzem.

⁵ Vide Projeto InterAção e Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares(ITCP)-Viçosa, etc.

Outra forma de realizar essa pesquisa e observar as relações de trabalho dos catadores organizados foi a consulta aos órgãos públicos que estão envolvidos com a temática aqui estudada. Essa se deu por meio de documentos oficiais dos poder público local, estadual e nacional na forma impressa e digital, tais como os documentos do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) de Viçosa/MG, da Secretária de Assistência Social de Viçosa/MG e Câmara Municipal da citada cidade. Além disso, investigou-se os documentos de criação (ata de fundação, estatutos e regimentos internos) das associações de catadores (ACAT⁶ e ACAMARE, localizados em Viçosa) que objetiva conhecer a forma de trabalho e o regime proposto pelos associados.

A primeira forma direta de pesquisa aqui utilizada foi à observação participante que busca apreender o lugar de trabalho do catador na Usina de Triagem de Viçosa e o alcance da espacialidade dessa atividade pós-comercialização. Tal coleta de dados pautou-se no exercício das atividades de catação realizadas na esteira de triagem⁷ junto aos associados da ACAMARE, em sua maioria, mulheres. No entanto salienta-se que

O êxito da utilização dessa técnica vai depender do observador, de estar ele atento aos fenômenos que ocorre no mundo que o cerca, de sua perspicácia, discernimento, preparo e treino, além de ter uma atitude de prontidão. Muitas vezes, há uma única oportunidade para se estudar certo fenômeno; outras vezes, essas ocasiões são raras. Todavia, a observação não estruturada pode apresentar perigos: quando o pesquisador pensa que sabe mais do que o realmente presenciado ou quando se deixa envolver emocionalmente. A fidelidade, no registro dos dados, é fator importantíssimo na pesquisa científica. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 78)

O último documento direto norteador nessa pesquisa fora as entrevistas, munido de um gravador de voz, que buscassem fornecer subsídios sobre a concretude do trabalho do catador. Assim, utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas com conteúdo (perguntas) pré-estabelecidas, conforme anexo B, com intuito de compreender as especificidades do público previamente selecionado.

Cabe aqui salientar que as técnicas e métodos utilizados nesta pesquisa foram preparados de acordo com a realidade dos entrevistados o que permitiu capturar os reais anseios destes sujeitos e as relações sociais estabelecidas. Assim, utilizou-se de um universo

⁶ Associação dos catadores de materiais recicláveis de Viçosa.

⁷ Local de materialização da segregação dos materiais recicláveis.

descontraído, devido a proximidade com os entrevistados, adquiridas ao longo dos projetos de extensão, com perguntas diretas e objetivas capturadas por um gravador portátil.

Na ACAMARE optou-se por perguntas que fossem condizentes com os aspectos socioculturais dos entrevistados. Utilizou de questões semi-estruturadas que permitiam a realização de rearranjos nas indagações caso houvesse conflitos de linguagem ou mesmo se a temática abordada convergisse a outros assuntos pertinentes, todavia, desconhecidos pelo pesquisador. Desta forma, procurou-se estimular uma total liberdade de expressão sem constrangimentos ou receio gerado pelos modelos padronizados dos questionários. Realizaram-se quatro entrevistas, uma com a presidente da ACAMARE tratando de aspectos materiais como a estrutura e funcionamento desta instituição e aspectos subjetivos que envolvem a percepção do sujeito de seu local de trabalho. As outras três entrevistas foram realizadas com catadoras-membros da ACAMARE escolhidas aleatoriamente a fim de perceber as relações espaciais do trabalho do catador na Usina.

Para compreender o universo dos “catadores da rua” como os da ACAT, também se realizou entrevista com a Eunice Mendes de Freitas, funcionária da Secretária de Assistência Social do município, que acompanhou o processo de organização dos catadores da Usina e da ACAT desde quando se fechou o lixão e se retirou as famílias que lá catavam os materiais recicláveis.

Já com o SAAE, a entrevista seguiu aspecto estrutural com perguntas fechadas devido à compreensão do assunto tratado ser de conhecimento da Autarquia. Dessa maneira foi realizada uma entrevista com o assessor técnico Marcos Magalhães com perguntas que envolvem o gerenciamento dos resíduos sólidos urbanos do município.

Portanto o desafio desses procedimentos foi apreender a experiência vivenciada no lugar de trabalhos dos catadores, bem como se atentar para as ações e decisões produzidas no e pelo espaço pelos diversos agentes sociais que refletem no trabalho.

UM OLHAR GEOGRÁFICO SOBRE A RELAÇÃO HOMEM – MEIO

Recentemente salta aos olhos, a partir de diversos meios de comunicação, a necessidade que os humanos têm em transformar o espaço com o objetivo de reproduzir as mais essenciais necessidades, tais como se alimentar e abrigar-se. Segundo Waldman (2010), da versão mais antiga a atual do homem, o uso da técnica sobre o espaço tem por função social, econômica, cultural munir as diferentes ações do homem na aquisição dos diversos recursos naturais, marcados no espaço por diferentes desenvolvimentos, tudo pela sobrevivência humana. Sobrevivência esta delimitada por longos períodos de carência alimentar, o que impulsionou a produção de excedentes, por meio da técnica.

Para Santos (2004) o espaço se faz por e pela apropriação do uso da técnica, que marca “um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” em um dado tempo (p.21). Por sistemas de objeto, Santos (2004) entende que o produto da ação humana imbuído de intencionalidades técnicas e sociais, feitas para um espaço-tempo que ao se reproduzir se sujeita as regras sociais. Nesse contexto, os objetos não são autônomos, mas autonomizados. Além disso, ele diferencia objetos de coisas, sendo coisas “dons da natureza” (SANTOS, 2004, p.64).

Quanto ao sistema de ação, o mesmo autor sinaliza como produto de necessidades naturais e socialmente construídas, podendo ser elas materiais e simbólicas, que auxiliam na forma de agir do homem. A ação se insere dentro de uma lógica propositiva. Nesse sentido, Santos (2004) discorre que por meio do trabalho, o homem constrói e desconstrói a natureza, mas que ela possibilita essas transformações sobre o homem. Além disso, ele aponta que esse trabalho é resultado de normatizações sociais formais e informais, bem como da ação humana a partir de sua atuação.

A técnica, para Santos (2004), passa a ser um objeto de estudo refletindo em transformações no meio geográfico. Nesse sentido, o autor periodiza a história da humanidade tendo como base a ação do homem, por meio da técnica, sobre o meio. Inicialmente tem-se o estado *in natura* (*Meio natural*), no qual as necessidades dos homens são locais e se confundem com a natureza. Nesse período há uma restrição maior sobre as técnicas, que são criadas e utilizadas de acordo com as necessidades locais, que formam outra natureza.

Com a transformação da natureza, por meio do trabalho, o homem alcança desenvolvimentos técnicos que permitem a distinção das atividades técnicas anteriores,

delimitando claramente “*os tempos sociais que tendem a se superpor e contrapor aos tempos naturais*” (Santos, 2004, p.237, grifo nosso). Nesse contexto, o *Meio Técnico* - que realça ao mesmo tempo a existência da técnica com aspectos culturais, por meio da criação e uso da máquina - demonstra um domínio sobre o natural variando de lugar para lugar, muitas vezes relacionados com o desenvolvimento do comércio.

Por fim, Santos (2004) apresenta o “meio técnico-científico-informacional”, que tem início após a Segunda Guerra Mundial, como sendo a junção dos avanços técnicos e científicos, que são suportes para o mercado, que se utilizam do informacional para criar novos produtos, mas também para criar novas necessidades de uso, dando vazão às novas mercadorias. Neste “meio”, uma das funções da informação é de auxiliar a circulação, dando saída aos produtos.

Diante da artificialização do espaço antes natural, a lógica de produção torna os produtos globais, o que permite novas relações sociais que, uma vez criadas, são difundidas pelas informações diariamente, tendo-se, assim, uma grande quantidade de produtos que são fabricados para serem consumidos. Os produtos são fabricados para ter fim e depois são descartados, reutilizados ou reciclados, ganhando novos valores.

Discutindo essa periodização proposta por Santos (2004), Waldman (2010) apoia-se nesses intervalos para explicar a lógica da geração de resíduos. Esse novo período histórico que perpassa a humanidade, de acordo com Waldman (2010), é fruto da modernidade, que se torna um marco na criação de objetos e pelo uso de técnicas que possibilitam “conduzir o consumo para a satisfação de necessidades materiais que não se justificam em si mesmas, mas prioritariamente constituem um pressuposto para a produção (p.123)”, aliados ao surgimento das cidades.

Waldman (2010) considera ainda que a produção de resíduos é inerente à sociabilidade dos homens e mulheres, fazendo-se mais presentes pelas transformações na produção, intensificadas pela urbanização das cidades e do campo, aliados aos novos modos de vida que demandam recursos naturais e humanos com o propósito de atender as necessidades humanas.

Nesse aspecto, Figueiredo (1995) reforça que os resíduos sólidos não são fruto da evolução técnica do homem, que auxilia no rompimento com o meio natural, mas sim reflexo do propósito de desenvolvimento.

Diante destas observações, e retomando a questão dos resíduos, é de fundamental importância a desmistificação de que estes constituem um subproduto inextricável do desenvolvimento humano. Na verdade, a geração de resíduos nos moldes atuais é consequência da adoção de um modelo de ‘desenvolvimento’ e, portanto, de um conjunto de valores, absolutamente incompatível com a sustentação do planeta e desprovido de qualquer fundamento ético (FIGUEIREDO, 1995, p.213-214)

Waldman (2010) se atém ao fato de que novos modos de vida exigidos pela modernidade, que são impulsionadores do processo de urbanização⁸ e industrialização, tanto no urbano, quanto no rural, sendo sinalizadores do aumento vertiginoso dos resíduos sólidos. O mesmo autor assinala que antes do capitalismo os resíduos faziam parte da natureza, ou melhor, eram confundidos ao natural, contrário aos dias atuais que, com as transformações sócio-urbanas, que colocam no centro as cidades, os resíduos passaram a se tornar um problema, principalmente quando ocorre a inversão de valores sociais que colocam o espaço urbano como o principal espaço de uso e ocupação do solo frente ao espaço rural.

No passado, os resíduos mantinham forte capilaridade com o meio natural e estavam delimitados as áreas habitadas pelos humanos. Aspecto singular à organização espacial da antiguidade, a territorialidade estava imersa na naturalidade. Mesmo as regiões mais claramente transformadas pelo trabalho humano estavam assediadas pela espessura úmida da natureza, sendo normalmente estanques entre si e cercadas por vastas extensões de um meio natural ainda menos burilado pelo homem. Por tanto, tudo depunha em favor da reinserção dos materiais descartados nos ciclos naturais. (WALDMAN, 2010, p.56)

Outro fator que alavanca a produção de resíduos sólidos para Waldman (2010), é a “obsolescência planejada”, técnica crescente que reduz o tempo de uso das mercadorias. Esse encurtamento da vida útil dos produtos industrializados passa a ser um mecanismo na promoção do consumo desenfreado, desagregando o valor de uso das mercadorias, auxiliando assim o lucro dos fabricantes.

Tal mecanismo diante de toda a cadeia produtiva estimula o consumo e tem reflexos na geração dos resíduos sólidos com seus efeitos socioambientais nefastos. Outro recurso

⁸ O processo de urbanização é entendido por Lefebvre como “(...) o conjunto das transformações que a sociedade contemporânea atravessa para passar do período em que predominam as questões de crescimento e de industrialização (...) ao período no qual a problemática urbana prevalecerá decisivamente, em que a busca das soluções e das modalidades próprias à sociedade urbana passará ao primeiro plano.” (Lefebvre, 1999, p.19). O autor reforça que para viabilizar o urbano deve-se “contornar ou romper os obstáculos que atualmente o torna impossível. (LEFEBVRE, 1999, p.28)

explorado pela vida moderna está na busca de praticidade do dia-a-dia pelos consumidores. Inúmeras embalagens estão disponíveis no mercado com mesma função, porém em formatos diversificados, sendo um elemento de atração dos consumidores. Adaptadas para uma vida fluida, que exige um dinamismo para tempos e espaços urbanizados, basta observar os diversos produtos criados para facilitar o fluxo de mercadorias que auxiliam no estoque e circulação, contribuindo para a manutenção e ampliação do consumo, como as garrafas pets, tetra-park, o acesso ao crédito, às diversas escovas de dente em variadas formas e mesma finalidade, computadores e autopistas para dar sentido à existência humana.

Os reflexos desses produtos, criados para atender as necessidades da vida moderna, se tornaram trágicos porque passaram a exigir que se produzisse mais, estimulando uma busca intensa por energia, mão-de-obra e matéria-prima de outros territórios. A criação dos objetos, pela ação, auxilia na possibilidade de transformação dos objetos de *valor de uso para valor de troca*⁹, mecanismo muito utilizado na produção e sobrevida ao modo de produção capitalista, e muito utilizada como ferramenta conceitual pelos marxistas na busca de se entender o sistema capitalista.

Por conseguinte, as coisas, nestes tempos passam por intensa valorização e valorização¹⁰ muito explorada pelo capital¹¹, a partir do momento em que se transforma a natureza em um objeto, em uma mercadoria. Fruto do trabalho, esses produtos surgem intensificados pelo consumo, gerando grande quantidade de resíduos principalmente com o estilo de vida urbano, seguido pelo desenvolvimento de técnicas que dinamizassem o crescimento do consumo.

Baudrillard (1995) em *A sociedade do Consumo* dialoga sobre a relação predominante de produção dos objetos sobre os sujeitos gerado pelo consumo cujo objetivo passa a ser a satisfação individual. Nesse contexto, as mercadorias são criadas para manter um modo de vida capitalista, passando a ter uma vida útil reduzida o que aumenta os danos ambientais. Logo, por meio dessa lógica produtivista, o autor visualiza sérios prejuízos ambientais devido

⁹ Respectivamente sua relação se vincula com o consumo e na forma como os objetos fluem sobre o território para ser consumido.

¹⁰ Muito apropriado pelos capitalistas, relacionado a um retorno financeiro e simbólico.

¹¹ Por capital compartilha-se do conceito apreendido por Antunes (2009) que diz: “(...) nada mais é do que uma dinâmica, um modo e meio totalizante e dominante de mediações reprodutiva, articulado com um elenco historicamente específico de estruturas envolvidas institucionalmente, tanto quanto de práticas sociais salvaguardadas.” (p.23)

à estrutura capitalista vigente com sérios efeitos a partir do elevado número de produtos sociais intensificados pela lógica industrial, técnica e de consumo.

progresso da abundância, isto é, da disposição de bens e de equipamentos individuais e colectivos cada vez mais numerosos, oferecem em contrapartida <<prejuízos>> cada vez mais graves- conseqüências, por um lado, do desenvolvimento industrial e do progresso técnico e por outro lado, das próprias estruturas de consumo (BAUDRILLARD,1995, p.34).

Infere-se que a produção dos resíduos sólidos traduz-se numa crise socioambiental vinculada a uma disponibilidade de bens materiais produzidos pelo trabalho, apoiado em técnicas sobre um dado espaço, em muitos casos lixões, aterro controlado ou aterro sanitário, cooperativas e diversas formas de organização social que legitima a existência operacional da atividade da catação.

Pressionados (os indivíduos, os governos e as corporações) por ondas de questionamento global, o mundo viu discutir a utilização dos recursos naturais em vista da intensificação da produção, bem como os resíduos gerados por essa produção. Estas preocupações estiveram muito bem delimitadas pela 1ª Conferência Internacional de Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas em Estocolmo, Suécia, em 1972. Esta conferência foi o início das discussões sobre os problemas socioambientais e apresenta uma base de discussão que culminou de numa proposta de desenvolvimento sustentável¹², acreditando que a pobreza tem interface com a degradação do meio habitado.

A contribuição dessa conferência refletiu na Declaração de Estocolmo sobre o Meio Ambiente Humano, que com os 26 princípios direcionam o uso racional dos recursos, porém por um viés economicista a partir do desenvolvimento econômico das Nações. Inicia-se uma nova postura por parte dos governos, das empresas e dos indivíduos, por postura mais responsável no uso racional dos recursos sem esquecer o caráter econômico. Os indivíduos e as empresas passam a ser o foco destas ações; eles são chamados a participar, tendo novas posturas diante do mundo. Sua participação vai além da representação parlamentar.

Além disso, outras discussões se fizeram na busca de soluções que amenizassem o uso indiscriminado dos recursos e se repensassem novas práticas de vidas mais sustentáveis, veja a

¹² Por desenvolvimento sustentável entende-se “(...) de garantir que ele atenda as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem também as suas” (CMMAD/ONU, 1991, p.9.)

Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (CMMAD/ONU, 1991), mais conhecida como Rio 92, que trouxe novas discussões, e apresenta a *agenda 21* como documento a fim de nortear as políticas públicas para uma nova perspectiva de desenvolvimento. No caso específico dos resíduos sólidos o capítulo 21 diz respeito ao *Manejo Ambientalmente Saudável dos Resíduos Sólidos e Questões relacionadas com os Esgotos* que se apóia em quatro princípios basilares a este capítulo, quais sejam: “Redução ao mínimo dos resíduos, aumento ao máximo da reutilização e reciclagem ambientalmente saudável dos resíduos, promoção do depósito e tratamento ambientalmente saudável dos resíduos e ampliação do alcance dos serviços que se ocupam dos resíduos”. (ONU, 1992).

Diante desse processo transformador, permeado por essas conferências, novas racionalidades¹³ surgem, acompanhadas de valores sociais, econômicos e simbólicos que auxiliam na criação de novos lugares. Esses novos espaços se consolidam a partir de institucionalizações legais formais e informais por meio da intervenção do homem sobre o meio.

Todos esses novos valores se objetivam em especificidades locais, mas o caráter tem relação com as novas dinâmicas a nível global. Muitos desses espaços surgem em resistências aos antigos valores econômicos e ambientais, mas principalmente por necessidades de serem incluídos socioeconomicamente. Esse é o caso do espaço vivido¹⁴ do catador, onde sua prática faz resistência a todo o movimento de valores da “falsa” abundância de recursos e do consumo.

Dessa forma, o lugar de trabalho do catador se revela como o lócus da aplicação da técnica, de normatizações instituídas e símbolos para a reciclagem. O lugar de trabalho se faz por um “agir técnico, jurídico e simbólico” (SANTOS, 2004, p. 82), pleno em particularidades que se refletem no corpo do catador. Legitimado por ações cotidianas, acordos firmados e/ou conflitos com os mais diversos segmentos sociais.

Santos (2004) disserta que o espaço e o tempo se materializam por meio da técnica e se fazem presentes por meio do seu “valor real”, via seu funcionamento e aspectos

¹³ Por novas racionalidades, entende-se o envolvimento dos diversos atores sociais que incorporam os preceitos da sustentabilidade e da justiça social como medida para o uso racional dos resíduos sólidos urbanos. (BURGOS, 2008, p.13)

¹⁴ Por espaço vivido visualisa-se as percepções de Lefebvre (1974) ao considerar o homem apropriando e criando representações do espaço em uso. (SOUZA, 2009)

simbólicos. Essa percepção do espaço pode se dar tanto pelos indivíduos quanto pelo coletivo que constroem o espaço geográfico.

A técnica participa na produção da percepção do espaço, e também da percepção do tempo, tanto por sua existência física, que marca as sensações diante da velocidade, como pelo seu imaginário. (...) O espaço se impõe através das condições que ele oferece para a produção, para a circulação, para a residência, para a comunicação (...) como meio operacional, presta-se a uma avaliação objetiva e como meio percebido está subordinado a uma avaliação subjetiva. Mas o mesmo espaço pode ser visto como o terreno das operações individuais e coletivas, ou como realidade percebida. Na realidade, o que há são invasões recíprocas entre o operacional e o percebido. Ambos têm a técnica como origem e por essa via nossa avaliação acaba por ser uma síntese entre o objetivo e o subjetivo. (SANTOS, 2004, p.55)

O lugar aqui apresentado remete a características históricas, aparecendo como reflexo da representação socioespacial dos indivíduos e/ou coletiva, simultaneamente materiais, fruto de ações/arranjos locais e mundiais. Dessa forma, Carlos (1996) dialogando com Santos (2004), apresenta o lugar permeado pelas formas de uso e ocupação que prestam a acumulação do capital. Assim, “cada lugar, cada subespaço, assiste, como testemunha e como ator, ao desenrolar simultâneo de várias divisões do trabalho.” (SANTOS, 2004, p.136).

Concorda-se com Carlos (1996), ao salientar que o lugar é permeado de toda a carga social, econômica, cultural, ambiental e simbólica, reflexo dos interesses de determinado grupo social.

Significa pensar a história particular (de cada lugar), se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial (CARLOS, 1996, p.20)

Carlos (1996) define o lugar enquanto ponto dinâmico de redes interpessoais que conduzem e fazem o desenvolvimento da vida.

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.(CARLOS, 1996, p.22)

Santos (2004, p.96), por sua vez, observa que “(...) um lugar se define como um ponto onde se reúnem feixes de relações, o novo padrão espacial pode dar-se sem que as coisas sejam outras ou mudem de lugar”.

Embasadas pelas teorias psicossociais, Barros e Pinto (2008), consideram que por meio da organização espaço-tempo do trabalho, o lócus de interesses pessoal, se constrói devido ao afloramento das diversas subjetividades e identidades dos indivíduos e por sua vez caracteriza o lugar.

As referidas autoras entendem por subjetividade “a forma peculiar de apropriação do mundo social e material – se constrói sobre uma materialidade, sobre um contexto, uma história, um espaço, e faz por meio, fundamentalmente, do trabalho” (p.67). Salientam ainda que subjetividade é algo inseparável de consciência, que perpassa pelo reconhecimento do outro pelo todo (demais elementos presentes no espaço), considerando algo historicamente construído.

Já identidade, é a marca constituída pelo movimento coletivo e pessoal, pessoal e coletivo sempre presente no meio geográfico e que é, por sua vez, dialético. Barros e Pinto, referenciada por Lipiansky, conceituam identidade como:

[...] envia ao sentimento fundamental sobre o qual é construída toda nossa relação ao mundo. [...] é também um fenômeno paradoxal. Conjuga em um mesmo movimento o idêntico e o diferente, o individual e o social, a unidade e a multiplicidade [...] Designa, de um ponto de vista objetivo, o conjunto das características que identificam o sujeito e, de um ponto de vista subjetivo, a consciência que cada um tem de sua individualidade e a tendência a estabelecer uma continuidade nesta experiência subjetiva e a buscar um sentimento de unidade e de integração, além da pluralidade de papéis e de mudanças temporais. (LIPIANSKY apud BARROS E PINTO, 2008, p.69)

Nesse contexto, o lugar de trabalho é construído pelos aspectos históricos, econômicos, culturais, com que cada indivíduo por meio de suas construções internas materializa o espaço. Portanto, a concretude do lugar do catador, perpassa pelos avanços e retrocessos do desenvolvimento humano, na relação homem/meio, fazendo surgir um espaço particular, *com relações de pertencimento e não-pertencimento* devido aos diversos modos de vida, principalmente o lócus de trabalho do catador. Conforme veremos a seguir.

O TRABALHO DO CATADOR E O ESPAÇO DE TRABALHO

Como já observado por Carlos (1996) é no lugar que se estabelece e se faz sentir a acumulação por meio do capital¹⁵, sendo exigidas novas formas de uso e ocupação do espaço para financiar a lógica produtiva. Esse lugar do/no trabalho representa as diversas formas de operação e controle desse que são re-significadas e incorporadas pelo trabalhador na dinâmica laboral. Essas novas formas são conseqüências das crises¹⁶ engendradas no e do modo de produção capitalista, por meio de ajustes socioespaciais que buscam resgatar os patamares da lucratividade da produção.

Para Antunes, (2009) estes ajustes perpassam pela reestruturação produtiva que atingiu o mundo do trabalho e que se expande por toda a esfera da vida (política, cultural e simbólica), cujo objetivo é retomar a lucratividade que se tinha por meio da produção de mercadorias. Como conseqüências da crise de acumulação, o referido autor explicita sobre os efeitos nefastos no mundo do trabalho, promovido pela ação do capital, a fim de contê-la. Ele aponta para o aumento do desemprego, da precarização do trabalho e da degradação dos recursos naturais e humanos.

Essa valorização da lucratividade pelo capital, impactante no trabalho, segundo Antunes (2009) embasado por Mészáros (1995), promove toda uma transformação na esfera social que inverte a lógica de sociabilidade entre pessoas e objetos produzidos pelo trabalho. Essa resignificação é considerada por meio de um sistema de mediações, em que “os seres sociais tornaram-se mediados entre si e combinados dentro de uma totalidade social estruturada, mediante um sistema de produção e intercâmbio estabelecido” (ANTUNES, 2009, p.21)

¹⁵ A crise “(...) nada mais é do que uma dinâmica, um modo e meio totalizante e dominante de mediações reprodutiva, articulado com um elenco historicamente, específico de estruturas envolvidas institucionalmente, tanto quanto de práticas sociais salvaguardadas”. (Antunes, 2009, p.23). Além disso, o capital constitui uma poderosíssima estrutura totalizante de organização e controle do metabolismo societal, à qual todos, inclusive os seres humanos, devem se adaptar. Esse sistema mantém domínio e primazia sobre a totalidade dos seres sociais, sendo que suas mais profundas determinações estão orientadas para a expansão e impelidas pela acumulação (idem: 41-44). ⁵¹⁵(Antunes apud Mészáros, 2009, p.25).

¹⁶ “Ao contrário dos ciclos longos de expansão alternados com crises, presencia-se um *depressed continuum* que, diferentemente de um desenvolvimento autossustentado, exhibe as características de uma crise cumulativa, endêmica, mais ou menos uma crise permanente e crônica, com perspectiva de uma profunda crise estrutural”. (ANTUNES, 2009, p.29)

Nesse sentido, Antunes (2009) aponta que o *sistema de mediações de primeira ordem* que se pauta numa organização socioespacial do trabalho, cujo objetivo é suprir e conservar a dinâmica social em que a relação homem/natureza é mais instintiva e centrada ao atendimento das necessidades básicas de sobrevivência. Assim, Antunes *apud* Mészáros (2009), aponta os mecanismos de funcionamento do *sistema de mediações de primeira ordem* que são descritos sobre:

1. A necessária e mais ou menos espontânea regulação da atividade biológica reprodutiva em conjugação com os recursos existentes.
2. A regulação do processo de trabalho pela qual o necessário intercâmbio comunitário com a natureza possa produzir os bens requeridos, os instrumentos de trabalho, os empreendimentos produtivos e o conhecimento para a satisfação das necessidades humanas.
3. O estabelecimento de um sistema de trocas compatível com as necessidades requeridas, historicamente mutáveis e visando otimizar os recursos naturais e produtivos existentes.
4. A organização, coordenação e controle da multiplicidade de atividades, materiais e culturais, visando o atendimento de um sistema de reprodução social cada vez mais complexo.
5. A alocação racional dos recursos materiais e humanos disponíveis, lutando contra as formas de escassez, por meio da utilização econômica (no sentido de economizar) viável dos meios de produção, em sintonia com os níveis de produtividade e os limites socioeconômicos existentes.
6. A constituição e organização de regulamentos societais designados para a totalidade dos seres sociais, em conjugação com as demais determinações e funções de mediações primárias (idem: 139) (ANTUNES *apud* MÉSZÁRIOS, 2009, p.22)

Diante do exposto, visualiza-se uma organização social na qual os princípios norteadores se baseiam na subsistência humana, em que o trabalho, sem muita elaboração, se imbrica com o natural cujo valor é libertário, livre de qualquer pressão.

Embasado na evolução técnica, assinalada por Santos (2004), Antunes (2009) aponta para o desenvolvimento do *sistema de mediações de segunda ordem*, que promovem um olhar sobre a organização socioespacial do trabalho a fim de valorizar a geração de capital. Nesse sistema, o controle sobre as técnicas faz surgir uma hierarquização, bem como uma subordinação da cotidianidade humana que privilegia o valor de troca sobre as necessidades básicas de subsistir.

Para concretizar-se o capital instauram-se diversos mecanismos que viabilizam a ampliação do valor de troca que perpassam por uma dinâmica de subjugação do trabalho ao capital. Efetiva-se uma hierarquia do trabalho, a partir de um controle sobre as habilidades físicas e mentais do trabalhador, que valoriza uma dissociação entre o trabalho e os meios de produção, modificando a identidade do trabalhador que antes dominava os meios de

produção, em consonância a naturalização do indivíduo, conforme explicitado por Antunes *apud* Mészáros (2009), em que ocorre assim:

1. A separação e alienação entre o trabalhador e os meios de produção;
2. A imposição dessas condições objetivadas e alienadas sobre os trabalhadores, como um poder separado que exerce o mando sobre eles;
3. A personificação do capital como um valor egoístico – com sua subjetividade e pseudopersonalidade usurpadas -, voltada para o atendimento dos imperativos expansionistas do capital;
4. A equivalente personificação do trabalho, isto é a personificação dos operários como trabalho, destinado a estabelecer uma relação de dependência com o capital historicamente dominante; essa personificação reduz a identidade do sujeito desse trabalho a suas funções produtivas fragmentárias (idem: 617) (ANTUNES *apud* MÉSZÁROS, 2009, p.23-24)

Com isso, o capital constrói sua lógica de acumulação numa dinâmica intensificada pelo valor de uso que se subordina ao valor de troca em consequência da mercantilização estimulada pela necessidade de consumir. Desse modo, Antunes *apud* Mészáros (2009) conclui que uma nova estrutura social metabólica, paulatinamente construída, por meio das diversas experiências do capital e o trabalho, impõe uma reorganização das relações sociais com o trabalho, afetando as demais estruturas da vida. E acrescenta que com as novas relações globais, o capital ampliou os seus lucros, mas também teve que (re) dividi-los com outros territórios, não sendo exclusividade de somente um país gerar esse lucro, ainda que o país subordinasse as estruturas produtivas dos demais. Nesse sentido, Antunes (2009), orienta que o controle do capital sobre o *metabolismo societal* torna-se totalizante.

Nessa ordem, o referido autor reforça que a relação entre capital, trabalho e Estado contribui para a naturalização do *sistema de mediações de segunda ordem*. Dessa tríade, o capital se fortalece para a expansão a nível local e prepara-se para uma expansão em escala internacional, globalizando suas ações a fim de acumular os lucros, tornado-se *incontrolável*, devido sua fluidez que não caracteriza sua territorialidade, bem como ausência ou existência de mecanismos jurídicos que o enquadrasse ou favorecesse.

Diante do novo processo que busca a personificação do capital no capitalismo, nota-se que esse desenvolveu várias padronizações de produção que auxiliassem na acumulação dos lucros produtivos.

Para Harvey (1992), o fordismo foi uma dessas padronizações de produção, cujo período de vigência se sustentou até 1973 e tinha por objetivo inovar a produção e o consumo de massa. Nesse sentido, discorre o autor, que esse sistema buscou rever as práticas de

trabalho colocadas pelo modelo de produção taylorista, estimulando organizações de trabalho rígidas, com gestos e tempos estabelecidos, a fim de intensificar a produção de massa para serem consumidas também em massa. Acrescente a essa proposta “[...] um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência do trabalho, uma nova estética e uma nova psicologia” (HARVEY, 1992, p.121).

Harvey (1992) discorre sobre o estabelecimento do sistema de produção fordista que só se desenvolveu com o auxílio das “decisões individuais, corporativas, institucionais e estatais” (p.122), no caso do Estado gerando formas para conter as crises como a de 29 com a quebra Bolsa de Nova Iorque e auxiliando na expansão da produção estimuladas por regiões concentradas de produção pós Segunda Guerra Mundial.

Mas o crescimento fenomenal da expansão de pós-guerra dependeu de uma série de compromissos e reposicionamentos por parte dos principais atores dos processos de desenvolvimentos capitalista. O Estado teve de assumir novos (Keynesianos) papéis e construir novos poderes institucionais; o capital corporativo teve de ajustar as velas em certos aspectos para seguir com mais suavidade a trilha da lucratividade segura; e o trabalho organizado teve de assumir novos papéis e funções relativos ao desempenho nos mercados de trabalho e nos processos de produção. O equilíbrio de poder, tenso mas mesmo assim firme, que prevalecia entre o trabalho organizado, o grande capital corporativo e a nação Estado, e que formou a base de poder da expansão de pós-guerra, não foi alcançado por acaso – resultou de anos de luta. (HARVEY, 1992, P.124)

Segundo Antunes (2009), o fordismo ultrapassou a lógica produtiva das fábricas e se balizava num labor segmentado, onde cada trabalhador tinha sua função específica e repetitiva, e que no conjunto das operações elaboravam a mercadoria final a partir da medição do tempo e a massificação produtiva. Essa padronização é marcada pelo acréscimo dos lucros por meio de um aumento produtivo, caracterizado pelo “sobretabalho” e extensivo prolongamento do trabalho, a partir das horas extras.

Com a crise dos anos 60 e 70 do século passado, os diversos agentes do capital verificaram a necessidade de reorganizar os meios produtivos e a necessidade de incorporar novas formas produtivas que auxiliassem a expansão dos lucros. Em resposta a crise novas formas de organização do trabalho e gestão foram (re) elaboradas e introduzidas nas fábricas automobilísticas do Japão.

Surge nesse universo fabril o toyotismo, junção de técnicas das fábricas têxteis, local onde o operário manuseia várias máquinas, e adaptações da lógica de gestão dos

supermercados norte-americanos com estoques mínimos de peças nas prateleiras. O objetivo é aumentar os lucros desde que houvesse a eliminação ou readequação dos obstáculos que os reduziam. Dessa maneira, busca-se eliminar o trabalho desqualificado, fragmentado e unidirecional. Vai-se ao encontro de um trabalhador produtivo, centrado na polivalência, na multifuncionalidade, no envolvimento produtivo físico e intelectualmente, além de qualificado ou em constante processo de qualificação.

A produção centra-se por demandas, com aproveitamento do tempo na produção, eficiente reposição de peças, também utiliza-se de métodos e metodologias que estimulam produtividade com qualidade, acompanhado de uma tecnologia produtiva. Conforme aponta Antunes (2009, p.50):

(...) Segundo alguns autores, elas transformações produtivas¹⁷, seriam responsáveis pela instauração de uma nova forma de organização industrial e de relacionamento entre o capital e o trabalho, mais favorável quando comparado ao taylorismo/fordismo, uma vez que possibilitaram o advento de um trabalhador mais qualificado, participativo, multifuncional, polivalente, dotado de “maior realização no espaço do trabalho”.

Outro mecanismo que intensifica os lucros é a transferência, segundo Antunes (2009), as perdas advindas pelas crises para o trabalhador e o Estado, consolidado pela era neoliberal, personificado por Thatcher-Reagan, em que o Estado reduz suas ações políticas, atuando na normatização dos direitos trabalhistas a favor do capital, bem como na privatização das empresas estatais a partir do argumento de que elas estavam sucateadas e que o capital privado possui melhores mecanismos de gestão.

Outro elemento importante apresentada por Antunes *apud* Bühr (2009) foi a incorporação do movimento sindical, já na forma produtiva fordista. Tal fato reduziu o poder reivindicatório dos trabalhadores ao capital e os transformou em agentes defensores do sistema produtivo vigente. Suas ações passaram a ser negociadora das garantias sociais adquiridas tais como seguro desemprego, férias, jornada de trabalho de 8 horas, no caso brasileiro.

Tais autores sinalizam para os sérios efeitos que puderam ser sentidos no mundo do trabalho, entre eles: o distanciamento da cúpula sindical e a massa operária, redução dos postos de trabalho por meio da robotização de determinadas atividades, bem como as reduções salariais.

¹⁷ Grifo do autor.

Antunes (2009) expõe nas mais diversas escalas que quanto mais se acirra as competições entre capitais mais se ampliam as concorrências, a fim de desenvolver e manter-se como tal, criando mecanismo de acumulação. Assim, vale-se da *Taxa de utilização decrescente do valor de uso* (ANTUNES *apud* MÉSZÁROS, 2009, p.27) que visa depreciar a vida útil dos produtos e otimizar a sua reprodução em todo o globo, criando novas necessidades de consumo.

Essa tendência decrescente do valor de uso das mercadorias, ao reduzir a sua vida útil e desse modo agilizar o ciclo reprodutivo, tem se constituído num dos principais mecanismos graças ao qual o capital vem atingindo seu incomensurável crescimento ao longo da história (idem: 567) (ANTUNES *apud* MÉSZÁROS, 2009, p.27-28).

Outras formas de ampliar a acumulação, demonstrada por Antunes (2009) passam pelo uso intenso dos recursos naturais e humanos, o que pode ser sinalizado pelo uso precário da força de trabalho ou sua destruição, nas suas mais diversas maneiras; bem como pela utilização dos recursos naturais que beiram a degradação sistemática, conforme acima exposto. Tudo amparado por meio de instrumentos jurídicos e tecnológicos em prol de um desenvolvimento econômico.

Com as crises, a fim de não perder os lucros, diversos arranjos foram feitos pelo capital, incluindo o espaço que também foi reestruturado, destruído e reconstruído para que pudesse viabilizar a lógica do capital. Uma das mais visíveis reestruturações é a otimização dos fluxos, que possibilita a circulação das diversas mercadorias.

A proeminência da lógica do capital nas relações sociais conduziu a desregulamentação dos espaços das cidades. As cidades foram zoneadas de acordo com as novas demandas de lucro do capital. As ações neoliberais afetaram diretamente o espaço, principalmente com o apoio do Estado, que cede o direito que seria de todos em benefício dos que detêm o poder econômico.

A fim de conter a crise de acumulação, o capital deflagrou um processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de dominação, cujos contornos mais evidentes foram o advento do neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e desmontagem do setor produtivo estatal, da qual a era Thatcher-Reagan é a expressão mais forte; a isso se seguiu também um intenso processo de reestruturação da produção e do trabalho, com vistas a dotar o capital de instrumentos necessário para tentar repor os patamares de expansão anteriores.

Pela própria lógica que conduz essa tendência (que, em verdade, são respostas do capital à sua crise estrutural), acentuam-se os elementos destrutivos. Quanto mais aumentam a competitividade e a concorrência intercapitais, mais nefastas são suas conseqüências, das quais são particularmente graves: a destruição e/ou precarização, sem paralelos em toda a era moderna, da força humana que trabalha e a degradação crescente do meio ambiente, na relação metabólica entre homem, tecnologia e natureza, conduzida pela lógica societal votada prioritariamente para a produção de mercadorias e para o processo de valorização do capital. (...) o capital, no uso crescente do incremento tecnológico, como modalidade para aumentar a produtividade, também, “necessariamente implica crises, exploração, pobreza, desemprego, destruição do meio ambiente e da natureza”, entre tantas formas destrutivas (Carcheti, 1997: 73).¹² Desemprego em dimensão estrutural, precarização do trabalho de modo ampliado e destruição da natureza em escala globalizada tornaram-se traços constitutivos dessa fase da reestruturação produtiva do capital. (ANTUNES, 2009, p.36)

Com a crise e os mecanismos para contê-las (reestruturação socioespacial, políticas estruturadoras de uma intervenção mínima) Antunes (2009) aponta diversas conseqüências que puderam ser percebidas, tais como o enorme desemprego estrutural, precarização do trabalho, o uso degradante dos recursos humanos e naturais, até a intensificação de máquinas para fazer prevalecer a produção de mercadorias. As crises passam a ser constantes e necessárias para atingir os patamares de acumulação; além disso, reforçam o fosso das desigualdades socioespaciais por meio dos elevados níveis de desempregos, precárias condições de vida com que o trabalhador vive.

Em síntese, para tornar-se hegemônico o capital teve que desarticular o trabalho do sujeito que o produz, subjugando-o a lógica de produzir em excesso. Nota-se também que a acumulação econômica passa por novas e velhas articulações possibilitadas pela estruturação a nível local e global.

O trabalho indispensável para o sujeito na sua subsistência social incorpora novos valores que obriga o trabalhador a se submeter à lógica produtiva a partir de sua força laboral, sendo ela formal, informal ou um misto delas. O lugar do trabalho passa a refletir o distanciamento dos sujeitos e o que é feito pelo trabalho na medida em que os sentimentos de pertencimentos, os laços sociais se tornam fluidos e passageiros, não possibilitando, de modo geral, mas não necessariamente, condições mais favoráveis à formação de uma identidade espacial com o lugar de trabalho e com ele próprio, surgindo dessa negatividade uma situação de estranhamento, entre trabalho e o produto do trabalho. Emprega-se aqui negatividade no

sentido de uma relação constrangida, alienada, na qual o trabalhador não se reconhece, de modo geral, com o trabalho que realiza e com o produto desse trabalho.

Neste caso o trabalho para muitos se transforma em um fardo, fonte de insatisfações, stress e, nesse sentido, fonte de doenças do espírito e do corpo, passando a figurar - sob as condições atuais de generalização do mal estar no trabalho – como um problema de saúde pública. Essa, seguramente, representa uma dimensão crítica fundamental do trabalho e do mundo do trabalho na contemporaneidade, sob os influxos do padrão de acumulação flexível, isto é, o problema da saúde no trabalho e seus impactos na existência, na reprodução social, nas relações sociais, na cidadania e na construção efetiva da democracia. Daí pode-se até mesmo falar em espacialidades da degradação humana, submetidas em larga medida à lógica do capital e do mercado, que também significa e se objetiva como compressão e mutilação do homem e de sua subjetividade; homem reduzido a uma condição de sobrevivência mercantilizada, negando-lhe assim condições e direitos a uma vida plena.

A insatisfação com o trabalho passa, desse modo, a marcar cada vez mais as relações capitalistas de trabalho e, nesse sentido, os lugares produzidos por essa forma de trabalho - que comporta inteiramente o sentido do trabalho alienado -, lugares que se conformam como espaços do mal estar e do estranhamento, como bem se pode perceber, por exemplo, pelas condições territoriais restritivas de nossas cidades, em termos de insuficiências de política urbana e de adequado ordenamento da urbe, com problemas de dotação infra-estrutural, de serviços, de geração de renda, entre outros aspectos. Essa condição tem levado os espaços urbanos a se conformarem não como cidades, mas mais propriamente como anti-cidades. Essa situação socioespacial contemporânea culmina com o fato de que agora muitas delas, cada vez mais, são administradas e geridas como empresas, como mercadoria, negócio para empreendedores, o que certamente alimenta tensões e lutas na cidade e pela cidade, um contraponto a essa dinâmica autofágica da urbanização capitalista contemporânea, logo sinais da esperança.

RESIGNIFICAÇÃO DE VELHAS FORMAS: O TRABALHO DO CATADOR

No Brasil, a partir dos anos de 1990, com as transformações políticas e econômicas - reflexo das reestruturações produtivas nos principais centros de poder mundiais e com o

repensar das propostas ecológicas- pode-se visualizar a intensificação de novas habilidades produtivas e a mobilização de diversos agentes sociais frente à crise socioambiental que assolou os meios produtivos nacionais.

Com a elevada taxa de desemprego, os centros urbanos brasileiros vêm crescer um contingente de trabalhadores que começa a fazer parte do cenário urbano, e buscam a sobrevivência no descarte do que é considerado lixo. Burgos (2008) assinala que diante de uma mão-de-obra considerada desqualificada, trabalhadores sobrantes¹⁸, os catadores de materiais recicláveis, se reproduzem devido às novas condições socioeconômicas e ambientais.

Alia-se a isso, uma nova construção social-ambientalmente sustentável, que culmina em práticas que repensem as relações com os recursos naturais, como a proposta da reciclagem, mas que no exercício fornece suporte para continuarmos consumindo. O trabalho do catador para essa lógica torna-se imprescindível, sendo a partir de suas mãos o início do processo de produção que o torna produtivo¹⁹. Vale lembrar que a atividade da catação no caso brasileiro é antiga. Há relatos de Carolina Maria de Jesus em seu livro Quarto de Despejo em que a mesma vivia da catação na favela do Canindé, em São Paulo, na década de 1950.

Com o passar do tempo a atividade da catação dos materiais recicláveis²⁰ se apresenta no espaço - inicialmente nas áreas urbanas em galpões - agregando trabalhadores que vivem da catação nas ruas, depósitos de compra e venda, indústrias recicladoras e usinas de triagem que são novos objetos urbanos que indicam a dinâmica econômica da reciclagem. O trabalho do catador passa a ser decisivo para recolocar inúmeros resíduos descartados por diversos consumidores (GONÇALVES, 2007). Esses resíduos com potencial de reciclagem retornam ao ciclo produtivo por meio de suas mãos, transformando-o em matéria-prima para novos produtos.

A profissão do catador de materiais recicláveis, segundo O Ministério do Trabalho e Emprego (2011) a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é formada por trabalhadores da coleta e seleção de materiais recicláveis, reconhecido pelo código 5192 que versa:

¹⁸ Segundo Burgos (2008, p.8-9) são trabalhadores pobres urbanos excluídos do processo de modernização produtivo, tornados dispensáveis a nova lógica de produzir, mas desejados pelas territorialidades produtivas que não necessariamente envolve as relações assalariadas.

¹⁹ Burgos (2008) considera que o trabalho do catador é produtivo devido aos valores sociais, econômicos e ambientais gerados a sociedade contemporânea.

²⁰ A atividade hoje se consolida devido muita luta dos catadores com a formação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCMR) e o reconhecimento da profissão junto ao Classificação Brasileira de Ocupações (COB)

[...] os trabalhadores da coleta e seleção de materiais reciclável são responsáveis por coletar material e reaproveitável, vender material coletado, selecionar material coletado, preparar o material para a expedição, realizar manutenção do ambiente e equipamentos de trabalho, divulgar o trabalho de reciclagem, administrar o trabalho e trabalhar com segurança. (MTE, 2011)

Pelo conceito observa-se que existe diferentes subgrupo no universo dessa atividade, diante disso, tem-se o catador de materiais reciclável - CBO 5192-05 que desenvolve a “catação de ferro-velho, catador de papel e papelão, catador de sucatas, catador de vasilhame, enfardador de sucata (cooperativa)”, “selecionador de material reciclável – CBO 5192-10” descrito por “separador de material reciclável, separador de sucata, triador de material reciclável, triador de sucata” e por fim o CBO 5192-15 – operador de prensa de material reciclável que se centra em enfardar o material de sucata (cooperativa), prensador, prensista. MTE (2011).

Gonçalves (2007) aponta para a proliferação de toda uma estrutura mais complexa da reciclagem que vai do catador, atravessador e industriários, até a territorialização indispensável à viabilização desse circuito econômico, recobrando fixos e operações relacionadas de compra, venda, etc. Ele ainda sinaliza para a existência da *Taxa de utilização decrescente do valor de uso* que devido a sua lógica, sustenta todo o circuito econômico da indústria da reciclagem a qual pertence o catador de material reciclável que trabalha formalmente ou informalmente, na rua, nos depósitos ou centros de triagem. “Assim, a geração dessa matéria-prima, o resíduo reciclável, está ligada diretamente ao consumo de outras mercadorias, que satisfazendo ou não as necessidades daqueles que a consumiram, geram sobras, resíduos”. (GONÇALVES, 2007, p.161)

Observa-se, também que por meio dessa espacialização do circuito da reciclagem, incentivada pela lógica do desperdício, o resíduo, antes considerado lixo para alguns, se torna matéria-prima e passa a ter um valor para outros. Esse valor, segundo Gonçalves (2007) se reforça devida a manutenção das características físico-químicas, mas também devido ao trabalho exercido antes o descarte.

O mesmo autor chama a atenção à viabilidade econômica da Reciclagem, estimulada pela acumulação de recursos, refletidos pela exploração do trabalho do catador, em condições precárias, devido à deficiência dos direitos trabalhista e pela falta de organização dos catadores em associações ou cooperativa que produzem maior volume de materiais para a reciclagem.

Outra forma de aumentar os ganhos da indústria advém das diversas ações dos governos Municipal, Estadual e Federal que fomentam toda uma infra-estrutura muitas vezes com o discurso de que essa favorece melhores condições de trabalho²¹, tais como pagamento de aluguel, veículos ou instalação de centros de triagem ou com a viabilização da coleta seletiva, indo até mesmo aos diversos auxílios como o Bolsa-Família.

Portanto, aqueles que também vivem e se reproduzem em condições totalmente desiguais e que estão à margem da “grande festa do consumo” são considerados igualmente responsáveis. Os empresários e industriais que controlam os processos produtivos, exploram o trabalho e lucram com a produção e a comercialização das mercadorias podem ser entendidos, nessa divisão simplista de responsabilidade, como pares daqueles que não possuem outra coisa que não a si mesmos. (GONÇALVES, 2007, p.173)

Notem que Gonçalves (2007) chama a atenção para a co-responsabilidade dos atores sociais mesmo os que estão segregados socioespacialmente. Os catadores envolvidos diretamente no processo produtivo convivem com a exploração do trabalho, com as condições insalubres e a ausência de equipamentos que dificultam a retirada do “lixo” para o sustento familiar. Mulheres e homens que, por serem relegados pelo mercado de trabalho especializado, emprestam sua força de trabalho ao trabalho da catação.

[...] a exploração de seu trabalho em condições insalubres, precárias e com a utilização de instrumentos rudimentares, garante que a mercadoria recolhida por eles, e que retorna ao circuito mercantil, possa ser comprada a um preço que permita o seu processamento e posterior comercialização, mantendo uma atraente margem de lucro, que variará de acordo com as especificidades de cada material, em momentos econômicos específicos. (GONÇALVES, 2007, p.175)

Segundo Gonçalves (2007), a apropriação precarizada da força de trabalho do catador de materiais recicláveis é impulsionada pela lucratividade da indústria da reciclagem, diante da inexistência formal do trabalho do catador que elevaria os custos de produção dos empreendimentos. No entanto, o mesmo autor, preconiza sobre a ausência de qualidade de vida do trabalhador.

²¹ Entende-se que as condições de trabalho são melhoradas quando se auxilia no desenvolvimento do processo da reciclagem, todavia os ganhos robustos se direcionam as indústrias que fatura em bilhões, enquanto o trabalhador da catação vem na comercialização a venda dos materiais em centavos, dependendo do preço dos materiais. Estes oscilam de acordo com a demanda por materiais pelas empresas recicladoras, transações financeiras do dólar e incremento de tecnologias junto à transformação dos recicláveis. (BURGOS, 2008)

Se os trabalhadores catadores mantivessem uma relação trabalhista formalizada com as indústrias recicladoras ou com os atravessadores, se realizassem o trabalho de catação e de separação em local e em condições técnicas e de salubridade adequadas, tudo isso representaria aumento dos custos e, conseqüentemente, a diminuição dos lucros, ou mesmo a inviabilidade de alguns desses empreendimentos. Daí, considerarmos ser ambientalmente incorreto reciclar nesses moldes em que o trabalho é explorado e mantido precarizado no limite, representando riscos à saúde dos trabalhadores catadores. (GONÇALVES, 2007, p.176)

O trabalho do catador para Burgos (2008), nas suas diversas ocupações, está vinculado à estrutura da indústria da reciclagem que se faz no urbano-periférico²². A referida autora sustenta que é no urbano que se concretiza a massa de homens e mulheres pobres espacialmente (encontram-se tanto no centro quanto na periferia) vinculados ao processo da reciclagem e a geração dos resíduos.

Para Burgos (2008) o trabalho da catação hoje tem vínculo com a estruturação produtiva e política, intensificadores de um maior empobrecimento dos trabalhadores. Dessa forma, o trabalho do catador, para ela, aparece como “trabalho não pago”, devido ao irrisório preço das matérias-primas que não considera o trabalho realizado na separação do resíduo.

Alia-se a isso, o aumento dos lucros a partir da aquisição de matéria-prima a preços mais baixos. Burgos (2008) salienta que a origem dos catadores, apoiada por Pinto (1984), tem início no século XX com a ação de vários trabalhadores pobres que viviam em pobreza extrema, pertencentes aos mais diversos níveis sociais.

Burgos (2008) discorre sobre a pauperização dos catadores que se reproduzem de forma perversa, principalmente, quando se paga pelo material reciclável em “centavos” e não pelo trabalho realizado na separação da matéria-prima, mesmo que ocorra a “institucionalização da indústria da reciclagem”²³ por meio da organização dos trabalhadores em associações ou cooperativas.

A autora enfatiza ainda que tal organização, incentivada pelo Estado e guiada pelo terceiro setor, delimita uma nova etapa voltada a estimular o funcionamento da indústria da reciclagem, a qual se centra na produtividade dos cooperados, como forma de aumentar a

²² Ao mesmo tempo em que se mostra um lugar de encontro e concentração é também um lugar de exclusões dos mais pobres, segundo a noção de centralidade do Lefebvre (BURGOS, 2008, p.44)

²³ O objetivo maior nessa institucionalização se relaciona ao fato de “agregar valor” aos produtos retirados do lixo, em que a sistemática maior é tornar os produtos da reciclagem mais atrativos, o que reduz os custos de transformação para a indústria recicladora.

renda, mas os que se não se adequam ao sistema de produtividade são excluídos, o que os tornam trabalhadores sobrantes, inclusive para o setor que os reinserem produtivamente.

Ao que tudo indica o trabalho do catador, apesar das diversas discussões enquanto uma profissão importante para a lógica sustentável, não é valorizada pelo trabalho realizado, já descartado dos trabalhos formais a um estágio próximo ao de lixo humano, mas que se tornam indispensáveis para os lucros da indústria da reciclagem. Eles, portanto, representam a outra ponta dessa indústria da reciclagem e, nesse sentido são, sob a lógica do capital e sua dinâmica reprodutiva, necessários a esse processo. Isso nos coloca diante da discussão da condição de exclusão frequentemente atribuída a esses trabalhadores, pois, em realidade, eles não estariam propriamente excluídos, mas inseridos no circuito de produção e reprodução do capital, porém inseridos precária ou perversamente, num sistema que se vale e, por enquanto, precisa deles.

ECONOMIA SOLIDÁRIA E O TRABALHO DO CATADOR

As discussões sobre a economia solidária se fortalecem quando as imposições globais se concretizam no local, por meio das reestruturações socioespaciais. Como salientado, tais transformações são estimuladas pelo capital e tem reflexos nas mais diversas formas sociais, inclusive no âmbito do trabalho. Novas formas de trabalho são valorizadas e passam a ter papéis importantes na esfera social e ambiental, principalmente para camadas mais abastadas.

Uma das maneiras de se adequarem aos produtos nefastos e às novas padronizações implantadas no mundo do trabalho, como o desemprego, foi a busca de alternativas que auxiliassem a sobrevivência dos que se encontram a margem dos processos produtivos formais. Dentre essas novas possibilidades de produção surgem novas práticas organizativas que (re) inserem os excluídos, ou “sobrantes” dos sistemas produtivos. Eles se associam ou cooperam no intuito de se fortalecerem, conforme discorre Kemp (2009, p.23).

As iniciativas do associativismo econômico emergem justamente por se tratar de uma resposta, muitas vezes de urgência, ao grave problema do desemprego. Surgem de brechas deixadas não só pelo Estado, mas também, pelo mercado, que tem excluído grande parte da mão-de-obra ativa, relegada à informalidade e ao desemprego.

Kemp (2009) leva em consideração os aspectos psicossociais dos catadores da ASMARE, em Belo Horizonte, observando que as práticas associativas não se centram somente no aspecto da produção, mas nos diversos laços sociais²⁴ que culminam num maior controle dos indivíduos sobre os meios de produção e de identidade. Considera-se por laços sociais as relações sociais, sem desconsiderar os elementos espaciais, conforme aponta Kemp (2009, p.29):

Papel de destaque é concedido à esfera do social, que passa a ser vista como totalidade determinante de seus componentes e, ao mesmo tempo, sustentada pelas relações entre esses componentes, pela formação de laços sociais, constituídos tanto no plano concreto da vida social quanto no simbólico, em que são conferidos sentidos à vivência social.

KEMP (2009) acredita que com a redemocratização do país e a consolidação das discussões dos direitos sociais que atendam todas as partes que compõem o corpo social, as práticas solidárias ganham força e são estimuladas pelo Estado e organizações civis. Esses

²⁴ Kemp (2009) amparada em Eme, considera que os Laços Sociais constituem uma categoria de análise que da suporte na apreensão da lógica associativista pautada pela economia solidária.

passam a fomentar ações participativas que reduzem as exclusões sociais advindas das mudanças econômicas incentivadas pelas mais variadas crises sociais. Crises estimuladas pelos aspectos adotados pelo neoliberalismo em que, mesmo que defendam a liberdade e a igualdade, não desconsidera as desigualdades sociais.

Hoje, esse laço social é colocado em questão pelas crises que se desenrolam na atualidade: a crise econômica e a produção crescente de exclusão da esfera econômica; a crise difusa dos mecanismos de integração social pelo trabalho; crise dos fundamentos sociais, fundados sobre a qualidade produtiva dos indivíduos face à transformação das atividades, implicando mudanças profundas nas qualificações e identidades sociais que revelam também aprendizagem fora do trabalho; e a crise da economia e de seus fundamentos, que reenviam, cada vez mais, a uma dimensão social e cultural do trabalho, a autonomia dos indivíduos e a solidariedade entre eles. (KEMP, 2009, p.32)

Kemp *apud* Eme (2009) discute também que a organização em cooperativas e associações por meio de práticas solidárias auxiliam na obtenção de uma vida mais digna, por meio de um emprego. Além de permitir que os catadores recriem e fortaleçam os laços sociais que levam em consideração a coletividade e um maior controle social por meio de ações horizontalizadas. Assim, os indivíduos compartilhariam nas mais diversas escalas da vida prática não só aspectos econômicos, mas também os aspectos emancipatório por meio do engajamento político.

Guérin (2005) acredita que a economia solidária articula aspectos econômicos e não econômicos, podendo auxiliar na redução das desigualdades sociais por sexo. Entende-se por economia solidária as “práticas que contribuem para rearticular o econômico às outras esferas da sociedade, na perspectivas de uma sociedade mais democrática e igualitária” (p.79), Guérin (2005) delimita que as práticas solidárias são múltiplas e se materializam no espaço citadino e rural de diversas maneiras, podendo estar associada a:

[...] criação ou manutenção de empregos (empresas de inserção profissional, associações intermediárias), na produção e comercialização coletiva (agrupamentos de produtores, comerciantes, artesãos, comércio equitativo), na moradia coletiva (associações e cooperativas de autoconstrução), na poupança e no crédito solidários (cooperativas financeiras, microcrédito ou crédito solidário), nas trocas não-monetárias (sistemas de trocas locais, redes de trocas recíprocas de saberes), nos serviços coletivos de saúde (mutuais ou cooperativas de saúde), na proteção coletiva do meio ambiente (empresas sociais de recuperação e de reciclagem), na segurança alimentar (cozinhas coletivas, jardins comunitários), no apoio à criação de atividades individuais ou coletivas (serviços de apoio ao empreendimento, cooperativas de

atividade), na criação de novos serviços ou na adaptação de serviços existentes (serviços da vida cotidiana, especialmente cuidar de crianças ou idosos, serviços de melhoria do quadro de vida, culturais e de lazer) (GUÉRIN, 2005, p.79-80)

Como se pode visualizar a economia solidária é uma prática local diversificada que compõem a economia social. Tal prática passa, muitas vezes, despercebida pela estrutura macroeconômica, apesar de estar pautada numa solidariedade orgânica²⁵ (SANTOS, 2005) essa é balizada por uma democratização econômica que tem como princípios as práticas da reciprocidade e tomada de decisão tanto financeira quanto administrativa. (GUÉRIN, 2005)

A reciprocidade aqui exposta visa romper com os aspectos individuais e pensar numa eficiência coletiva²⁶ que levem em consideração as características monetárias e as não-monetárias, centrado em ações horizontalizadas que são marcadas por uma confiança mútua. Já sobre as tomadas de decisão, os indivíduos devem participar dos espaços públicos a fim de legitimar o debate coletivo que emana dos interessados. Só assim se vislumbrará a liberdade dos indivíduos e se alcançará a responsabilidade social. (GUÉRIN, 2005)

Dialogando sobre a atuação do “terceiro setor e similares” - como forma da expansão do trabalho, tendo como princípio a economia solidária -, Antunes (2009) acredita que a ampliação do terceiro setor ocorre em consequência do decréscimo dos empregos industriais e dos serviços, o que fomenta o trabalho não pago. O referido autor aponta que diante da expansão desses trabalhos, ocorre a não-efetivação de transformação da lógica produtiva capitalista, devido a suas limitações para ampliar postos de trabalho.

Dessa maneira, o trabalho do terceiro setor²⁷, não se mostra como uma mudança substancial a lógica do mercado capitalista, mas sim desempenha um caráter de incluir os trabalhadores no âmbito da ressocialização perdidas por meio de atividades não lucrativas, considera Antunes (2009).

²⁵ Santos (2005) dialoga que a “solidariedade orgânica é resultado de uma interdependência entre ações e atores que emana da sua existência no lugar. Na realidade, ela é fruto do próprio dinamismo de atividades cuja definição se deve ao próprio lugar enquanto território usado. É em função dessa solidariedade orgânica que as situações conhecem uma evolução e reconstrução locais relativamente autônomas e apontando para um destino comum”. (SANTOS, 2005, p. 306-307)

²⁶ Fazendo alusão a SEN 1993b, Guérin, aponta para uma eficiência coletiva que [...] defende a sua *reabilitação* dentro das decisões privadas. Ele insiste no fato de que a existência e o respeito às regras facilitam as trocas, a produção e a elaboração de bens públicos. (GUÉRIN, 2005, p.81)

²⁷ Antunes (2009, p.112) entende que o terceiro setor assume “uma forma alternativa de ocupação, em empresas de perfil mais comunitário, motivadas predominantemente por formas de trabalho voluntário, abarcando um amplo leque de atividades, sobretudo assistenciais, sem fins diretamente lucrativos e que se desenvolvem a margem do mercado.

essas associações ou empresas solidárias preenchem em alguma medida aquelas lacunas. Agora, atribuir a elas a possibilidade de, em se expandindo, substituir, alterar e, no limite, transformar o sistema global de capital parecem um equívoco enorme. Como mecanismo minimizador da barbárie do desemprego estrutural, elas cumprem uma efetiva (ainda que limitadíssima) parcela de ação. Porém, quando concebidas como um momento efetivo de transformação social em profundidade, elas acabam por converter-se em uma nova forma de mistificação que pretende, na hipótese mais generosa, “substituir” as formas de transformação radical, profunda e totalizante da lógica societal por mecanismos mais palatáveis e parciais, de algum modo assimiláveis pelo capital. E na sua versão mais branda e adequada à Ordem pretendem em realidade evitar as transformações capazes de eliminar o capital. (ANTUNES, 2009, p.113)

Dialogando na vertente de uma economia solidária “mascarada”, Burgos (2008), em sua pesquisa realizada junto às cooperativas de catadores de São Paulo, discorre sobre a existência do trabalho cooperativo convertido aos moldes do assalariamento capitalista, cujo vínculo está relacionado ao aumento de produtividade para que haja o aumento dos dividendos. Observando as relações socioespaciais de trabalho marcadas pelo estranhamento dos indivíduos que compõem as cooperativas.

Burgos (2008) argumenta ainda sobre a estruturação da base da indústria da reciclagem em cooperativas, relacionando-as com o aumento dos lucros e com o aumento da produtividade. Para isso, os cooperados utilizam de tecnologias como caminhões, esteiras mecanizadas, trituradores de vidros e coleta seletiva, a fim de agregar valor à matéria-prima e poderem comercializar diretamente com as empresas recicladoras. O uso dessas tecnologias em comparação com os *catadores avulsos* - àqueles que com seus carrinhos coletam materiais recicláveis nas ruas- refletem para uma competição desigual, principalmente quando uma cooperativa ou associação traça as rotas da coleta seletiva sobre o espaço de atuação da catção. (BURGOS, 2008)

Diante dessas novas territorialidades²⁸ orientadas pelo setor produtivo da reciclagem, que suscitam a presença de catadores que passam a compor a vida urbana, marcadas pelas

²⁸ Por territorialidade buscou-se a discussão de Baggio (2005) que em sua tese: A luminosidade do lugar circunscções Intersticiais do uso de Espaço em Belo Horizonte: Apropriação e territorialidade no Bairro de Santa Tereza dialoga sobre a territorialidade a partir dos aspectos relacionais entre o espaço e a sociedade e a sociedade e o espaço, assim, utilizando-se de BAILLY & BENGUIN (1998, p.16) conceitua-se a territorialidade ““(…) corresponde ao conjunto das relações que permitem aos diversos grupos fazer valer seus interesses no espaço, tornado lugar de vida”. Nesse Sentido, ela se traduz e se inscreve como um fenômeno existencial, uma

diversas lutas em prol da sobrevivência e do reconhecimento social, Burgos (2008) analisando os mais variados documentos dos grupos envolvidos com a reciclagem, aponta que os catadores acreditam que a formação de cooperativas e associações reduz o desemprego. Não desconsiderando que a mobilização em cooperativas de catadores é um suporte para (re) introduzir as massas de desempregados pobres ao mundo do trabalho, mas que o objetivo maior do processo produtivo da reciclagem é o atendimento das demandas.

Para Carneiro e Corrêa (2008) estudando a realidade de São João del Rey, demonstra que a catação se conecta com a concentração espacial tanto dos resíduos gerados quanto do catador que se reproduz nas mais precárias condições de existência, até mesmo organizados em associações ou cooperativas. Para eles, assim como para Antunes (2009), Gonçalves (2007) e Burgos (2008), tal institucionalização diz respeito à lógica da acumulação capitalista, que se vincula pela redução dos postos de trabalho formais, porém se utilizam do trabalho informal e do trabalho não pago a partir do qual o catador entrega as forças vitais que induz a redução dos custos de produção às indústrias recicladoras. (BURGOS, 2008)

Carneiro e Corrêa (2008) assinalam que ao plano simbólico os catadores, ao se organizarem em associações, contribuem para que a sua função seja legitimada e socialmente reconhecida, o que auxilia na consolidação das diversas estruturas socioespaciais da reciclagem, que organizam a lógica produtiva da reciclagem estimulando a manutenção dos baixos preços pagos aos materiais recicláveis, refletindo precariamente na reprodução social do catador.

Lima e Oliveira (2008), considerando as atividades das associações de catadores que compõem a rede Cataunidos que integra nove municípios mineiros, acreditam que as experiências associativistas de catadores fazem frente à lógica de eficiência e lucratividade dos empreendimentos capitalista. Dessa maneira, as Associações de Catadores (AC's) incluem os sujeitos que são descartados e estimulam a sensibilização ambiental da sociedade com a reciclagem, gerando valor econômico e social.

Lindando com três elementos economicamente frágeis, quase formas de inexistência, ou existências negativas, conseguem produzir renda e dignidade humana, revalorizar material sem valor e potencializar a solidariedade social. O que o mercado separa e atribui o sinal de não valor,

experiência possível, manifesta no tempo e no espaço. É por meio da territorialidade que um dado grupo social ou individual adquire consciência do seu espaço de vida".(BAGGIO, 2005, p.181-182)

as ACs conseguem Unir e produzir valor. (LIMA e OLIVEIRA, 2008, p. 226)

No entanto, os mesmos autores discorrem que as AC's têm um longo desafio ao propor um "modelo de reciclagem solidário" que concilie os ganhos sociais e econômicos. O que se sugere é uma eficiência organizacional que afete a produtividade na geração de divisas (recursos) que seja atrativo as associações e associados no desenvolvimento de suas atividades.

Para Lima e Oliveira (2008) as associações enfrentam dificuldades no gerenciamento de seus negócios, pois não tem os rendimentos suficientes que possibilite investir no processo de produção o que impossibilitaria ter "ganhos de produção e aumentos de produtividade" (p.228). Os efeitos de um faturamento pequeno são visualizados pelos autores como uma "série de círculos viciosos" que impede o crescimento dos negócios.

A baixa remuneração aumenta a rotatividade dos associados e torna o trabalho associativo pouco atrativo para aqueles que são mais disciplinados quanto os indisciplinados; e gera desmotivação e uma atitude de acomodação, às vezes reforçada pela relação com a gestão municipal, que normalmente os apóia no surgimento da associação, ficando difícil romper as relações de natureza assistencial. (LIMA e OLIVEIRA, 2008, p. 228)

Ao mesmo tempo em que se sustenta na eficiência produtiva Lima e Oliveira (2008) não desconsidera o aspecto social impulsionado pelas AC's. Privilegia-se a inclusão dos excluídos, a autonomia organizativa e a participação que sinalizam para uma política de valorização, de maneira diferenciada, do trabalhador que gera os produtos da reciclagem.

Os autores sugerem que para repensar a dinâmica dos empreendimentos das AC's e se ter uma produtividade social, econômica e ambiental, tem que se ter a noção de que as dificuldades que as afetam não são somente gerenciais por parte dos catadores, muito menos de cunho subjetivos; mas sim, estão intrinsecamente vinculados ao processo de produção estimulada pelo setor de reciclagem.

Assim, Lima e Oliveira (2008) propõem que ao se pensar nas melhorias organizativas das AC's, se extrapole a estrutura interna dos empreendimentos (inclui-se os conflitos e as tradições dos grupos envolvidos na reciclagem) e se invista no processo produtivo inicial de separação dos materiais, ou seja, na triagem:

Para melhorar as condições de trabalho dentro das associações, é preciso integrar ações de implantação da coleta seletiva, criação e organização da produção e da autogestão da associação no cotidiano. (...) Acreditamos que a

melhoria das condições de trabalho e o aumento da retirada dos associados dependem dessa concepção de conjunto da atividade de reciclagem, mas tomando com centro a questão da triagem. (LIMA e OLIVEIRA, 2008, p. 236)

É na triagem que se efetiva a ação do trabalhador-catador que, por sua vez, reflete na receita dos associados. Essa separação de base manual que dita o ritmo da produção e a produtividade socioambiental dos resíduos descartados pela sociedade do consumo. Lima e Oliveira (2008) dialogam que o melhor funcionamento da triagem se relaciona a totalidade do empreendimento que é sinalizado por fatores mutuamente relacionado, conforme apontado abaixo:

1) qualidade do material dos doadores e da coleta seletiva; 2) espaço interno do galpão; 3) fluxo e circulação interna; 4) equipamento de apoio (separação em esteira, silos, bancadas ou no chão); 5) regras de distribuição dos ganhos; 6) número de triadores; 7) jornada, horas de trabalho disponíveis e absenteísmo; 8) rotatividade e qualificação; 9) ritmo de trabalho; 10) fadiga e condições físicas dos triadores; 11) disciplina e motivação; 12) organização das tarefas de triagem (individual, coletiva ou em duplas; em duas etapas, pré-triagem e triagem, além do equipamento de triagem: esteira, silo, bancadas, piso do galpão). (LIMA e OLIVEIRA, 2008, p. 234)

Engenheiros de produção, Lima e Oliveira (2008) sugerem que para se alcançar uma racionalidade técnico-social, conhecida a forma de organização de produção das AC's, é necessário que se desenvolvam os procedimentos de “economia de gesto” na triagem, atentando para os aspectos corporais dos catadores. Ademais, discorre sobre a conciliação de estruturas que impeçam esforços repetitivos e o desgaste do catador, como a esteira de triagem que ao mesmo tempo em que auxilia os ganhos produtivos, provoca restrições às pessoas que não estão aptas ao trabalho mecânico e gera desconfortos posturais dos trabalhadores.

[...] economia dos gestos do trabalho de triagem deve ser mais bem elaborado e analisado comparativamente para que se possam ter parâmetros sobre a eficiência relativa dos diferentes procedimentos, considerando, até, as características físicas dos catadores: antropometria, idade, restrições funcionais. Pensando inicialmente na organização do posto de trabalho antes que se defina uma opção padrão, acreditamos que vários modelos devem ser testados e, talvez, mantidos no processo de triagem como alternativas. (LIMA e OLIVEIRA, 2008, p. 235)

Diante do apresentado, conclui-se que a lógica de organização das cooperativas e/ou associações de economia solidária de catadores, orientados pela solidariedade orgânica dos

lugares e os princípios de igualdade e liberdade, possui inúmeros desafios conforme o exposto por Lima e Oliveira (2008) diante da produtividade econômica, apesar dos ganhos socioambientais. Pauta-se por uma visão otimista, ao mesmo tempo integradora, estimuladas e sustentadas pelas ações solidárias, mesmo com limitações de recursos para o desenvolvimento dos empreendimentos.

O RETRATO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS E DO LUGAR DO CATADOR EM VIÇOSA

O município de Viçosa apresenta área territorial de 299 km² e uma população de 72.244 habitantes, segundo dados do IBGE de 2010. A sede do município vem passando por um crescimento dos equipamentos urbanos²⁹ que dão suporte às funções da cidade, devido à enorme ampliação da oferta e da procura de serviços educacionais públicos e privados nas últimas décadas.

O município conta com quatro instituições de ensino superior, a principal delas é a Universidade Federal de Viçosa, fundada em 1926, conta hoje com 46 cursos de graduação e 34 cursos de pós-graduação. A União de Ensino Superior de Viçosa (UniViçosa) conta com 12 cursos de graduação e 10 cursos de pós-graduação. Já a Faculdade de Viçosa oferece 7 cursos de graduação e 4 cursos de pós-graduação. Por último, a Escola de Estudos Superiores de Viçosa (ESUV) tem 4 cursos de graduação e 2 de pós-graduação; as quais são vetores de atração populacional, principalmente estudantil, que estimula a busca por alguns equipamentos urbanos na área de resíduos sólidos, bem como investimentos nesta área.

No aspecto populacional, ver tabela abaixo, Viçosa pelo censo de 2000 tinha 63.014 pessoas, já no ano de 2010 tem-se 72.244 habitantes. Verifica-se que houve um aumento populacional de 14,65% neste período. Esse crescimento incide diretamente no aumento e na necessidade de se investir em sistemas de objetos capazes de dar vazão aos rejeitos produzidos pela população.

Nesse sentido, fizeram-se necessárias políticas públicas que abarcassem um espaço urbano mais salubre, principalmente no que diz respeito aos esgotos, abastecimento de água e destinação final dos resíduos sólidos urbanos.

EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO DE VIÇOSA ENTRE OS ANOS DE 2000 E 2010

Anos	Número de habitantes
2000	63.014
2010	72.244

²⁹ Segundo ABNT, os equipamentos urbanos, NBR 9284, são “todos os bens públicos ou privados, de utilidade pública, destinados à prestação de serviços necessários ao funcionamento da cidade, implantados mediante autorização do poder público, em espaços públicos e privados.”

2002	67.631
2003	68.919
2004	71.624
2005	73.121
2006	74.607
2007 ¹	
2008	73.362
2009 ²	74.171
2010	72. 244

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

¹ dado não divulgado pelo IBGE

² de 2001 a 2009 população estimada.

Diante do aumento populacional, estimulado pelas novas exigências urbanas, principalmente pelos serviços educacionais, aliado pelas “novas racionalidades” (Burgos, 2008) mundiais que passam a ser local, o município de Viçosa buscou aliar o conhecimento técnico-científico produzido pela Universidade Federal de Viçosa dispondo de um centro de Triagem de resíduos a fim de solucionar os problemas sociais e ambientais gerados pelos resíduos sólidos domésticos urbanos.

A construção tinha por finalidade processar os resíduos para a indústria da reciclagem, além de abarcar os catadores que viviam da catação no antigo lixão do município, por obrigatoriedade prevista em lei. Exigia-se que os catadores fossem retirados e que os lixões se adequassem as especificidades técnicas menos degradantes, conforme a deliberação Normativa nº 52 do COPAM de 2001 (MINAS GERAIS, 2001).

Produz-se atualmente em média 55 toneladas/diárias de resíduos sólidos domésticos em Viçosa (MAGALHÃES, 2011), sendo por mês 1.650 toneladas. Esses dados são fornecidos pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) que a partir de 2010 passou a gerenciar os resíduos sólidos³⁰, tendo que ser reestruturado, inclusive por meio de lei, para acumular a função de prestadora de serviço urbano no que diz respeito à limpeza urbana e manejo dos resíduos sólidos.

Ao que consta (MAGALHÃES, 2011), o gerenciamento dos resíduos sólidos custa aos cofres públicos aproximadamente 310 mil reais/mês que são repassados à autarquia³¹. A

³⁰ A lei municipal que transfere essa responsabilidade para a autarquia de água e esgoto é LEI nº 2.002/2009

³¹ As informações sobre os custos do gerenciamento dos resíduos sólidos (taxa de limpeza, equipamentos com caminhões e equipe de limpeza pública) apontados foram extraídas da entrevista do dia 06 de junho de 2011 com o assessor técnico do SAAE – Marcos Magalhães.

origem dos recursos é estipulada por meio da lei 2.002/2009 que estabelece o repasse do valor da Prefeitura ao SAAE, reduzidos na medida em que se tenha o ICMS - Ecológico (arrecadação distante devido o aterro sanitário não possuir o licenciamento ambiental), taxas de limpeza pública (hoje essa arrecadação gira aproximadamente entre 90 a 95 mil.) e manejo de resíduos sólidos, comercialização de materiais recicláveis³² e outras formas de aquisição de recursos.

O SAAE possui em sua frota 4 caminhões compactadores e 4 caminhão basculantes de posse da autarquia, sendo um desses caminhões voltado exclusivamente para a coleta seletiva dos resíduos. Em termos de funcionários o SAAE conta, para essa atividade, com 131 trabalhadores que se dividem em planejamento das atividades de varrição, transporte convencional e seletivo dos resíduos e disposição final³³.

Segundo SAAE (2011) o município de Viçosa no ano de 2010 construiu junto à população, por meio de delegados, o Plano Municipal de Saneamento Básico que apresenta em anexo um Plano Participativo de Gestão dos Resíduos Sólidos, sistematizado num programa que auxiliasse no direcionamento das ações e na captação de recursos. Formalmente o município conta com um aterro sanitário sem licenciamento ambiental. O aterro tem uma área de 21 hectares. Não se conhece ao certo o ano de início de operação, porém, sabe-se que anteriormente, nessa área, funcionava um lixão.

Encontra-se sob a guarda do SAAE por meio de comodato, toda a infraestrutura da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa cuja propriedade pertence à Universidade Federal de Viçosa. A cessão é fruto de uma parceria realizada pelo UFV e o município que possibilita a utilização da estrutura implantada em oposição à responsabilidade do município de promover a manutenção das instalações, bem como o seu gerenciamento. O funcionamento da usina não possui licença prévia dos órgãos ambientais desde o início de suas atividades em 2002.

No que diz respeito ao gerenciamento da Usina, o município transferiu a responsabilidade de manejo dos resíduos sólidos para o SAAE, que também passou a atuar na manutenção dos equipamentos da usina conforme documento número 092/200, firmado entre a Universidade Federal de Viçosa e o município viçosense.

³² Prática que não ocorre, pois todo o material coletado é repassado para a Associação dos Catadores da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa – ACAMARE.

³³ Dados fornecidos pela audiência pública no dia 01 de setembro de 2010.

Atualmente a Usina de Triagem é marcada pela territorialidade da Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa, ACAMARE, fundada pelos trabalhadores em 2008. A Associação não possui, juridicamente, nenhum documento que comprove a utilização das instalações da Usina pelos catadores. Em tal local hoje se realiza somente a triagem dos resíduos em potencial de ser reciclados, sendo os rejeitos encaminhados para o aterro do município.

Outra auxiliadora na limpeza pública, com registro no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica, número de inscrição 08 149 252/0001-99 é a Associação dos Catadores de Materiais Recicláveis de Viçosa (ACAT) que percorre as ruas e os domicílios da cidade com carrinhos, principalmente na área central, recolhendo os resíduos que após prensados são comercializados.

A fundação da ACAT data de 19 de junho de 2006, por meio de uma ação de pesquisa e extensão, coordenada pela Professora Ângela Maria Campos Santana, em 2005, cujo título é a *Proposta para Inclusão Social dos Catadores de Materiais Recicláveis da Cidade de Viçosa – MG*, envolvendo a melhoria das condições de trabalho, a saúde e a qualidade de vida, com participação da Secretaria de Assistência Social do município na presença de Eunice Mendes de Freitas, já anteriormente citada.

Fazem parte da paisagem de Viçosa os depósitos que compram os resíduos dos catadores. Alguns são conhecidos dos gestores públicos, outros dos próprios catadores que os identificam rapidamente, uma vez que necessitam comercializar os resíduos para a obtenção de um dinheiro rápido. Um exemplo se encontra no centro da cidade, na rua Dona Gertrudes e outro no bairro Barrinha, local mais distante para aqueles que trabalham com os carrinhos.

Ao visualizamos - em conversas informais na busca de informações - o governo municipal não tem nenhum programa que vise à capacitação, gestão financeira ou que possibilite a profissionalização da atividade dos catadores de Viçosa, mesmo que conheça a existência da atuação deste segmento. O que se conhece são ações pontuais tal qual um auxílio financeiro da Prefeitura pago pela Secretaria de Assistência Social, que auxilia ACAT na quitação do aluguel do galpão, água e luz; ponto localizado na Travessa Purdue 70, região central de Viçosa.

Já para a ACAMARE o apoio se dirime por meio da logística do SAAE que direciona os resíduos coletados a Usina de Triagem. Além disso, esta autarquia presta manutenção aos equipamentos necessários a triagem dos resíduos, contudo não fornece equipamentos pessoais

indispensáveis para o andamento das atividades e proteção dos trabalhadores, não havendo nenhum acordo formal que comprove esse subsídio.

Não se conhece ao certo a quantidade de materiais recicláveis comercializada pelas Associações e pelos depósitos encontrados, principalmente por ausência de organização dessas que não possui um controle da entrada e da saída de materiais e pela inexistência de acompanhamento da própria prefeitura ou órgão gestor dos resíduos sólidos.

ACAMARE E O SEU LUGAR DE TRABALHO

O espaço de trabalho da ACAMARE caracteriza-se por um território de conflitos entre os associados, devido à existência de dois grupos (turma do Fundão e Carlos Dias) que, num passado recente se dividiram e estabeleceram dois regimentos internos, apesar de estatuto único, para constar juridicamente. Tal fato incide diretamente na forma de organização do trabalho, tornando-a fragilizada diante do reconhecimento sócio da comunidade e agentes públicos como o SAAE e Prefeitura Municipal de Viçosa (responsável pela manutenção da Usina) frente aos problemas gerados pelos resíduos sólidos.

Devido à redução da turma do Carlos Dias por diversos fatores (admissão do trabalhador para outras atividades³⁴, baixa remuneração com a comercialização dos materiais comercializados), desde o ano passado, com reflexos na organização de trabalho e conseqüentemente na renda desta turma que por meio de conversas informais esboçaram o desejo de estabelecer um único grupo de catadores da ACAMARE, eliminando anos de separação por turmas. Tal preocupação foi levantada e acompanhada, no segundo semestre de 2010, pelo Projeto Interação e o SAAE, que compôs um grupo de trabalho formado por membros do referido projeto, da autarquia e trabalhadores da ACAMARE, não logrando êxito.

Para a turma do Fundão a incorporação dos quatro integrantes do Carlos Dias se dá em um momento de crise de ambas as turmas que querem aumentar os ganhos e também por uma intensa pressão externa, principalmente por parte do SAAE e demais grupos envolvidos com a temática. No entanto, parece que a adesão dos quatro integrantes, que devem se

³⁴ Alguns catadores prestaram concursos do SAAE para compor ou fazem parte do quadro de reserva dos funcionários da limpeza urbana de Viçosa, passando a se inserirem nos trabalhos formais. (processo seletivo simplificado Edital número 004/2011 de novembro de 2010 e o Edital 001/2011 de 24 de janeiro de 2011.

submeter a organização de trabalho do Fundão e passar por experiência 30 dias a união das afetará a dinâmica de trabalho, conforme pode ser expresso pela representante do fundão e presidente da ACAMARE.

Sempre fui contra a união dos dois grupos, mas chegou um ponto que não tem como não unir, porque o grupo lá uma pessoa saiu de licença, a outra saiu da Associação e ficaram 4 mulheres, com que 4 mulheres vão trabalhar na separação dos recicláveis e separação com o lixo. Então até então, eu venho brigando (...), porque não é questões pessoais nem nada, é questão de trabalho, mas chega um ponto que não tem como, então vai, conforme foi passado para elas, vai unir a partir do dia 02/06, está contando no papel o nome delas (começamos a misturar os papéis) vamos fazer uma experiência. Porque não é uma alteração de pessoa, mas sim alteração de turno. Como a gente trabalha de 7 horas ao meio dia, a gente tinha uma renda, essa renda tem que dobra, porque vai trabalhar dois turnos. A gente vai fazer essa experiência para saber quanto vai ser a renda nos final dos 30 dias, porque vai trabalhar o dia todo. Então a renda tem que melhorar, esse é um dos motivos da união dos grupos. (...). Eles aceitaram as nossas normas, então vamos ver se adaptam a nossa forma de trabalho, porque até o regime interno eles aceitaram (...) vamos ver o que vai acontecer no decorrer desses 30 dias. (OLIVEIRA, 2011)

Apesar de “território público”, muitas vezes, dito em diversos espaços de discussões pelos diversos agentes que estudam a reciclagem, os associados não têm nenhum documento que lhes garanta exercer suas profissões neste local, com tranquilidade, gerando desconforto entre estes. Esse mal-estar reflete no lugar de trabalho do catador que não se sente parte do espaço, o que o distancia até mesmo no uso e apropriação deste enquanto lugar. Muitos catadores usam a Usina como local de ressocialização ao mundo do trabalho, sendo passageiro o uso e ocupação, até que surjam outras possibilidades de emprego que sejam mais formais e rentáveis. Conforme se pode verificar pela fala de AH (2011), “no ano que vem vou ver se eu procuro algo para fazer. Eu estava no barzinho do trevo, estava sentindo um abafamento com aquela cozinha. Suava o corpo que pregava até a roupa”. Tal comentário de AH, sugere uma territorialidade pelo uso efêmero (BAGGIO, 2005), onde suas práticas sociais cotidianas são fluídas.

Outra forma de delimitar o território da usina são as transformações implementadas, constantemente, deflagrada pelas instituições públicas como a Universidade Federal de Viçosa por meio de incursões acadêmicas, mesmo que dando o suporte a partir dos projetos de extensão; quanto a partir da presença direta do SAAE na Usina, cuja atuação perpassa pelo

discurso de auxiliar os trabalhos e de integração da estrutura da Usina de triagem, anteriormente abandonada pela Prefeitura.

A estrutura e o funcionamento da Usina de Triagem e Reciclagem se configuram enquanto ponto central dessa análise, uma vez que é nela que se efetivam as práticas cotidianas sociais de trabalho da ACAMARE. São nesses aspectos apresentados do espaço que se materializa as decisões organizacionais, as articulações das redes sociais de fortalecimento institucionais e se percebe os fluxos da mercadoria trabalho e a geração de capital quando se comercializa os materiais recicláveis, bem como os sentimentos de ser catador.

Sobre o fluxo da mercadoria, considerando “o lixo” como matéria-prima, o resíduo chega pelos veículos do SAAE, tanto misturado (orgânico e reciclável) quanto separados pela coleta seletiva, que é então depositado numa área receptora para posteriormente ser encaminhado com o suporte da enxada, para a esteira de triagem mecanizada, onde os trabalhadores iniciam uma pré-triagem dos resíduos.

Feita essa pré-triagem os resíduos são coletados em bags (recipientes), e são encaminhados para uma área onde são posteriormente triados “por cor” e/ou se juntarem ao um volume maior de resíduos para em seguida serem prensados. Tal lógica de triagem tem a ver com a disponibilidade dos trabalhadores, tomado em comum acordo com a equipe ou grupo. Por exemplo, caso um grupo da ACAMARE esteja triando no turno da manhã eles podem separar o material na parte da tarde, ou deixar para outro dia.

Os materiais separados de forma manual pela ACAMARE são plásticos, papéis, papelão, vidro, alumínio, metais, óleo de cozinha e orgânicos, estes tendo diversos destinos como: usina de geração de energia, lavagem para animais, etc. Realizada a segregação desses materiais o próximo caminho é o prensamento em fardos, feito em sua maioria por homens quando presentes ou por mulheres.

Na composição de trabalho da ACAMARE, identificou-se dois homens e treze mulheres de idade entre 25 a 55 anos, dividido em dois grupos de trabalho. Perceba que as atividades desempenhadas pela ACAMARE são feitas em sua maioria por mulheres, incluindo desde as atividades rotineiras, financeiras e a representação da associação. Sobre o trabalho rotineiro (triagem, prensagem e carregamento do caminhão no braço), ele é revezado quando se tem a maioria mulheres; no entanto, se no grupo de trabalho há presença masculina,

esses fazem os chamados “trabalhos pesados”, tais como: prensagem, locomoção do resíduo para a esteira de triagem ou direcioná-lo para as caçambas de rejeitos e encher o caminhão.

Essa dinâmica de trabalho, de acordo com a observação *in loco*, é caracterizada pela ausência de equipamentos de proteção individual³⁵, que marca a precarização do trabalho e coloca em risco a saúde do trabalhador. Dialogando sobre os dia-a-dia da Usina a catadora se mostra otimista com um discurso que diz:

Cansativo mais é igual como todos os outros que qualquer serviço é cansativo, até de babá cansa. Você é babá, ai você está lá trabalhando de babá, está olhando a criança, mais a sua responsabilidade sob aquela criança. Então todo serviço cansa. Mais é, dá para passar. (MA, 2011)

Completado os “30 dias corridos, o que pode variar de 35 a 37 dias de trabalho” (OLIVEIRA, 2011), os trabalhadores-catadores, depois de prensar os materiais recicláveis iniciam o processo de comercialização. Segundo a mesma (2011) vende-se os materiais de forma difusa, os pets e “filmes” podem ser vendidos para um, e os papéis e papelão para outros. No mais a espacialização comercial dos recicláveis aos atravessadores, está difundidas em Ubá, Viçosa, Muriaé, Ponte Nova, Juiz de Fora, Ipatinga, Cataguases.

No entanto, o momento de comercialização para a ACAMARE se mostra complicada devido à inexistência de infraestrutura de comunicação -telefone e/ou computador- que auxilie na busca de melhores preços de venda dos recicláveis e de uma sistematização das quantidades de materiais comercializáveis. Uma das soluções encontradas para minimizar as dificuldades foi recorrer a Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente para fazer o contato com os compradores e gerar planilhas dos materiais vendidos.

Na comercialização, o preço dos materiais recicláveis é variável de acordo com diversos fatores conforme a lei da oferta e procura do mercado, aumento do dólar, qualidade dos materiais, período do ano (BURGOS, 2008). Essa variação dos preços é sentida pelos trabalhadores que ao comercializar com os atravessadores, visualizam o limiar da sobrevivência, sendo obrigados a verem os seus ganhos reduzidos a menos de um salário em tempo de crise/ou não, desmotivando-os e desacreditando diante da realização do trabalho. Questionado sobre o momento mais desesperador em ser catador, Oliveira (2011) responde:

Momento de desespero é essa hora que a gente leva um tombo do comprador, esse é o momento de desespero que acontece e aconteceu aqui

³⁵ Os equipamentos de proteção individual considerados são: luvas, aventais, óculos, máscaras e botas.

dentro, porque a nossa renda sai daqui de dentro. Um momento de desespero como duas vezes isso como já foi assaltado. Também é um momento de desespero porque você tem uma dívida lá fora, contando com aquilo é aquilo não vem, e no mais é isso e o preço baixo. Momento de desesperador aqui tem uma quantidade de fardo, está o pátio cheio, você vai fazer cotação, os preços caíram, a conta de luz, água, para pagar lá fora, isso a gente entra em parafuso; porque você conta com o valor, você tem o tal da dívida, cara! Eu não faço dívida com dinheiro daqui porque não tenho data para receber, depende da nossa produção. Mas dá que você calcula mais ou menos uma produção que tem ali vai dar x no final do mês. Ai acontece que naquele dia de entregar aquele material os preços despencam porque tudo, a gente não mexe com o dólar, mas ele mexe com a gente, depende da cotação do dólar. Então despensa tudo ai. A gente tá imaginando um valor, quando vai fazer a cotação aquele valor que era anterior, já caiu pela metade (...) a gente entra em desespero, por que a gente não tem apoio nem ajuda de custo, apoio financeiro de nenhuma entidade. Então, só conta com o que a gente produz, e às vezes isso é insuficiente.

Apesar do discurso aparentemente desestimulador do universo da catação, ao se questionar sobre o que é ser catador, a catadora discorre: “Não sei, nunca parei para pensar isso.” (MA, 2011), marcando que atividade é algo naturalizado, reafirmado com a resposta sobre o trabalho com o lixo que segue: “hora, trabalhar no lixo é um serviço como qualquer outro. Deve ser, é um serviço que a gente tem. Respondi de novo”. (MA, 2011)

Observa-se, portanto, que ao adentrar na usina de triagem de Viçosa o lixo e o trabalhador, o catador e o resíduo, ambos descartados, se resignificam para uma indústria da reciclagem que necessita desses valores socioambientais para transformá-los em valor econômico. Mesmo que esse valor se sobreponha a vida do catador, além de exigir novas formas de trabalho que incentive a uma organização produtiva autônoma ou coletiva dos indivíduos firmado entre os indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da resignificação do trabalho induzidas por uma intensificação das técnicas, o trabalho do catador se insere como consequência das transformações socioespaciais do mundo do trabalho e adquire novos valores sociais e ambientais com as propostas ecológicas que valorizam uma sugestão de consumo e desenvolvimento ambientalmente correto. A figura do catador de materiais recicláveis reflete essas transformações e passa a ser visualizada nas pequenas, médias e grandes cidades, cenário das visíveis consequências dos ajustes produtiva, de consumo e espaciais.

A lógica de produzir e consumir tais mercadorias capitalistas que engloba bens de consumo materiais e espaciais, inclui-se um seletivo grupo que em oposição aos que estão aparentemente “inaptos” a gerarem as riquezas, a partir do trabalho formal e da potencial “vocalização” de consumo, gera um grupo de “inaptos” também segregados espacialmente, na medida em que são excluídos do mundo da mercadoria, ocupando as mais variadas periferias urbanas.

O trabalho do catador acompanha essa segregação da maioria da população pobre, e em Viçosa isso não se difere da lógica urbano-periférica apresentada por Burgos (2008). Concomitantemente, a sua notória presença se relaciona a sistematização do setor da reciclagem - que paga preços muito baixos pelo material-, a expansão da produção de resíduos sólidos urbanos e a um distanciamento das políticas públicas do universo prático-real, afetando a reprodução socioespacial dos catadores, com reflexos no modo de consumir que desarticula as necessidades básicas de um bem-viver.

O lugar de trabalho do catador de Viçosa demonstra as mais variadas formas de trabalho desses profissionais, de um lado os *catadores da cidade* (Eunice Mendes de Freitas, 2011), associados ou não, como a ACAT, que com seus carrinhos percorre durante o dia e a noite as ruas, misturando-se aos inúmeros carros e a uma população fixa e flutuante que com seus tempos sociais diversos habitam essa cidade. Por outro lado, tem-se os catadores da ACAMARE que com percepções diferentes de trabalho se diferem dos demais catadores do município, principalmente porque utilizam a Usina de Triagem, de base industrial, sem que se tenha documento de uso da estrutura tanto da Universidade Federal de Viçosa quanto da Prefeitura Municipal de Viçosa, mantenedora de uso da área em questão.

Na busca de desvendar o lugar de trabalho da Associação dos Trabalhadores da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa (ACAMARE), na Usina de triagem e Compostagem de Viçosa Minas Gerais, compreendendo as relações sociais de trabalho existentes entre os Associados e demais agentes sociais do mercado de reciclagem; observou-se que o espaço de trabalho do catador organizados dentro de uma proposta de autogestão ou não, se mobilizam para fazer frente às transformações socioespaciais desiguais que geram uma massa de trabalhadores desprovidos de aspectos sociais e econômicos. Como é o caso da ACAT e ACAMARE que têm em seu quadro de associados pessoas das mais variadas idades e origem que lutam por uma renda para sobreviverem.

Esses lugares de trabalho se mostram enquanto Espaço de esperança³⁶ onde os laços sociais de confiança entre os iguais são construídos de acordo com os valores socioespaciais. Ao mesmo tempo, demonstram o oposto devido às ausências de apoio tanto institucionais quanto social, principalmente, quando não se estimulam práticas solidárias, como comenta Oliveira (2011) ao mostrar o lado positivo da economia solidária, mas que, em seguida, aponta falhas nesta forma de organização no caso da ACAMARE.

Então, o que eu posso falar sobre economia solidária. É o que nós fazemos. Empregando uma pessoa que tá precisando. Ajudando o outro, unido a turma, agora por causa da, pelo fato de ter quatro pessoas e não terem como triar sozinho trabalhar sozinho isso é uma forma de economia solidária. [...] Entendeu?! Então, é cada um por si e Deus por todos, falasse muito em economia solidária, tive muito nestas conferências sobre economia solidária, mas eu posso te garantir como toda a certeza, como dois e dois são quatro que nestas conferência e a gente quer falar muito em economia solidária; se as pessoas se ajudarem, mas na verdade só falam, mas eles não praticam. Então não adianta não, porque falar todo mundo fala, mas ninguém prática a economia solidária. Dentro da economia solidária. Ninguém prática a economia solidária. Então cada um está pensando em si. Pode apostar nisso.
- A ACAMARE também se inclui?

Em parte si, em parte si porque a gente faz igual, vamos supor assim: Aquela menina está pedindo um emprego vamos dá um emprego porque ela está precisando. Então vamos ser solidário a ela. Vamos trazê-la para cá. Mas nós não estamos pensando só nela. Nós estamos pensando em melhorar a produção, nossa com ela. E com isso nós vamos ter mais ganho você entendeu. Na teoria tudo é muito simples, na prática do dia-a-dia ninguém é como fala é só conversa fiada. Eu falo assim, porque eu sinto assim, (...) pode ser que minha forma de pensar seja errada, mas sinceramente na prática não, muito bonito para falar vamos ajudar o próximo e você vê muito isso na rua, eu escuto muito isso, mas na verdade ninguém faz nada de graça para

³⁶ Tema do livro de: HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. *Spaces of Hope*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ninguém. Sempre tem algum interesse por traz disso tudo que eles faz, mesmo que não tenha financeiramente que eles tenham aparecer; de alguma forma eu escuto muito isso. (OLIVEIRA, 2011)

Nota-se que por mais que os catadores, às vezes, se reconheçam como tal por meio de sua prática socioambiental solidária ou não, de nada adianta se não houver o reconhecimento das instituições públicas e da sociedade civil. Muito menos se tal trabalho não lhe permite sobreviver, abarcando as necessidades sociais básicas, inclusive de consumo, o que torna as relações espaciais e de trabalho fragilizadas, comprometendo o pertencimento socioespacial do catador que considera as questões econômicas, sociais e culturais, logo espaciais.

Assim como área de atuação da ACAMARE, a Usina de triagem vem passando por reestruturações tanto na estrutura física quanto na organização de trabalho dos catadores. No que tange a estrutura física, intervenções são efetivadas com o objetivo de melhorar o ambiente de trabalho do catador, o que segundo os catadores da ACAMARE “nada está sendo feito para a Associação”.

Atualmente, dois grupos³⁷ demarcam a territorialidade das melhorias da Usina: um é o Projeto InterAção da Universidade Federal de Viçosa que desenvolve um trabalho de extensão junto aos catadores na busca de expandir a coleta seletiva no município e melhorar as condições de vida dos catadores da Associação. O outro segmento, é o SAAE que desde que assumiu a limpeza urbana do município, reivindica uma maior racionalização de uso dos maquinários do centro de triagem que se encontra a disposição da Associação, a fim de reduzir um volume crescente dos resíduos sólidos urbanos gerados pelo município que não tem devida destinação.

Verifica-se em diversos discursos formais e informais em Viçosa que a solução para os problemas urbanos gerados pelo “lixo” está na reciclagem, desse modo é preciso otimizar o uso diário da usina de triagem, tendo mais trabalhadores, e período de trabalho constante, o que fere a autonomia de organização do trabalho dos Associados da ACAMARE. Inclui-se o melhor dimensionamento dos trabalhos na usina de triagem, desde que se tenha a preocupação em dialogar com os catadores e se repense valorizá-los, inclusive respeitando a sua forma de organização, permitindo que tenham o mínimo de seguridade social, diante do trabalho não-pago (BURGOS, 2008) pelos serviços socioambientais prestados ao município.

³⁷ Demais grupos atuam na Usina de Triagem como ITCP, um projeto da Economia Doméstica etc.

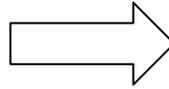
Portanto, diante da possibilidade de se alcançar um lugar de trabalho inclusivo com práticas mais solidárias norteadas pelo princípio da igualdade e da reciprocidade, os catadores de Viçosa têm o desafio de se articularem com outros movimentos sociais de catadores ou não, a fim de colocar como “ponto de pauta” os seus desejos, angústias, como forma de enfrentar os baixos preços dos materiais recicláveis e inverter a lógica do trabalho não-pago pelos catadores. Mobilizar com o coletivo é uma maneira de dar visibilidade as ações.

ANEXOS

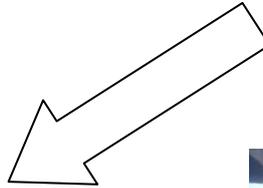
ANEXO A – FLUXO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS URBANOS TRANSFORMADO EM MERCADORIA AO SER MANIPULADO PELOS TRABALHADORES DA ACAMARE – Usina de triagem de Viçosa



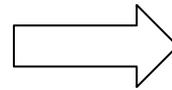
Local de depósito dos Resíduos sólidos



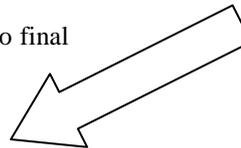
Esteira vista de cima



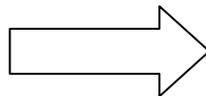
Visão horizontal, posto de trabalho do Associado final triagem



Materiais pré-triados e pronto para triagem



Prensa hidráulica utilizada para enfardar os materiais



Processo final: comercialização

Fotos: Arquivo pessoal, 2011

ANEXO B – QUESTIONÁRIOS SEMI-ESTRUTURADA

SAAE:

Entrevistador: Roberto de Melo Figueiredo

Local: Sede do Serviço Autônomo de Água e Esgoto

Dia: 06/06/11

1. Quanto custa para o SAAE a coleta e destinação final de resíduos sólidos?
2. Quanto custa a coleta seletiva?
3. Quanto custa realizar a manutenção da Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa?
4. De onde sai esses recursos?
5. A população paga alguma taxa pela prestação de serviços do SAAE de limpeza urbana? Qual é esse valor?
6. O município recebe algum ICMS- ecológico?
7. O SAAE tem algum cadastro ou tem conhecimento de algum cadastro dos catadores do município?
8. Como é a atuação da autarquia frente aos demais órgãos públicos com o município em relação aos resíduos sólidos?
9. Qual é a área do aterro sanitário. Quando foi criado?
10. Qual a função de gestão de resíduos sólidos na estrutura administrativa do Saae?
11. O SAAE possui algum plano, programa e ação para participação dos grupos interessados, em especial das cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis e recicláveis formadas por pessoas físicas de baixa renda, conforme art. 19 § XI da lei 12.305(política nacional de resíduos sólidos) de 2 de agosto de 2010?
12. Qual a relação entre os demais grupos que trabalham com a coleta seletiva?
13. O que é a Usina para o SAAE?

ACAT:

Entrevistador: Roberto de Melo Figueiredo

Local: Secretaria de Assistência Social

Dia: 05/05/11

1. Quantos trabalhadores estão associados a ACAT?
2. Quantos homens e quantas mulheres fazem parte da Associação?
3. Como é a forma de pagamento para cada Associado?
4. A prefeitura ou outros grupos fornecem algum recurso para a Associação para realizarem suas atividades?

ACAMARE

1. Fazer uma descrição sobre a entrada do resíduo e até a comercialização
2. Ser mulher-catadora é (direcionada para as mulheres) -----.
3. Ser homem-catador é (direcionada para os homens)-----.
4. Ser catador é -----
5. Trabalhar na usina é-----
6. Trabalhar com lixo é -----
7. Parceiros da ACAMARE-----
8. SAAE é-----
9. Lixo é -----
10. Trabalhar com coleta seletiva é -----
11. Prefeitura é-----
12. Ter saído do lixão para cá é (direcionada para Vera e Cleuza)-----
13. Dividir dinheiro da separação dos materiais é-----
14. Igualdade é -----
15. Economia solidária é -----
16. Comercializar é -----
17. O dia-a-dia de trabalho na Usina é -----
18. Momento de desespero como catador é -----
19. Ser autônomo é -----
20. Viver só da catação é-----
21. Trabalhar na esteira, presa é -----

ANEXO C – ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA NA ACAMARE

Entrevistador: Roberto de Melo Figueiredo

Local: Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa

Dia: 09/06/11

ENTREVISTADA: MA 46 anos

22. -Ser mulher-catadora é (direcionada para as mulheres) -----.

-Existe uma diferença entre a catadora e a não catadora.

-Não quer responder ou não sabe

Resposta: Não sei.

23. Ser catador é -----

Resposta: Não sei, nunca parei para pensar.

24. Trabalhar na usina é-----

Resposta: Um serviço a gente tem, acho que é. Humm.

25. Trabalhar com lixo é -----

Resposta: hora, trabalhar no lixo é um serviço como qualquer outro. Dever ser, é um serviço que a gente tem. Respondi de novo.

26. O dia-a-dia de trabalho na Usina é -----

Resposta: Cansativo mais, mas é igual como todos os outros que qualquer serviço é cansativo, Até de babá cansa. Você é babá, ai você está lá trabalhando de babá, está olhando a criança, mais a sua responsabilidade sob aquela criança. Então todo serviço cansa. Mais é, dá para passar.

27. Viver só da catação é-----

Resposta: ultimamente não está dando muito, não. Mas é a sobrevivência em cima daquilo que a gente ganha.

28. Trabalhar na esteira, presa é -----

Resposta: Tudo normal cansa, mas sou normal eu gosto de trabalhar em qualquer lugar. Principalmente, na prensa, rs.

ENTREVISTADA: AH 49 anos

1. -Ser mulher-catadora é (direcionada para as mulheres) -----.

Resposta: Ah! Eu gosto a minha resposta é que eu gosto.

-Existe uma diferença entre a catadora e a não catadora?

Resposta: ah eu acho que existe sim.

-Como é que você percebe isso?

Resposta: como é que eu percebo a mulher-catadeira, as que não catam andam muito mais limpinha, né. Nós ficamos aqui 24 horas nesta sujeira e as que não catam tá lá em casa lavando vasilha, mas tá limpinha, tá fresquinha e nós tá aqui nesta catanga. Então, é por isso que existe a diferença.

2. Ser catador é -----

Resposta: ah, eu gosto, sei lá, acho que é feio, sujo, mas é algo que gosto de fazer, sabe!

3. O dia-a-dia de trabalho na Usina é -----

Resposta: Tem dia que é bom, tem dia que é ruim.

4. Viver só da catação é-----

Resposta: É complicado, se você faz uma conta, você fica sem comprar uma coisa para você. Entendeu como é o negócio. Por exemplo: estou devendo o fulano tenho que comprar uma blusa. Você está naquela balança: Não sei se eu pago aquela blusa, se eu pago a pessoa, se eu compro um sapato. Esse sistema. Eu senti isso foi (...) na quinta-feira, foi na quinta comadre? Que eu fui marcar exame. Ah, no dia eu fui ao doutor e que eu senti (...) que eu estava, por exemplo, devendo 53 reais, fui de sandália, um dia frio, que meu pé estava congelando. Fiquei naquela dúvida ai eu levei a conta de telefone e salvar 39 reais do moço que tava devendo. Fiquei naquela dúvida. Meu Deus! O meu pé está duro, amanhã vou ter que sair cedo para usina. Vou de chinelo de dedo e de meia, não! Eu vou ficar devendo o homem, vou comprar meu tênis e comprar uma meia para mi. Ai foi os 53 reais dele que foi para comprar o tênis e a meia. É complicado né?

5. Momento de desespero como catador é -----

Resposta: Causa de desespero, isso dá desespero, (...) ser catador não causa desespero, sempre tem uma turma que quer fazer mais do que a gente e eu já gosto de ser devagar. Eu já gosto de ser devagar eu vou longe. Ser assim muito estressado não adianta, eu gosto.

6. Trabalhar na esteira, presa é -----

Resposta: na esteira não é ruim não, humm, na esteira é ruim sim. Né g? A jogação de trem, com pouquinho gente, é uma peleja. Haja braço. Eu estou com uma dor aqui no peito, começo jogar um trem, joga outro. O peito começa doer o braço fica meio dormente. Só sei que se eu voltasse no tempo, se o tempo voltasse, eu ia estudar, estudar, estudar para ser alguém na vida. Que a pessoa que não tem estudo tem que

engolir sapo. Aquele cheiro ruim de plástico no nariz da gente vai lá no meu peito, aí!
– faz outra pergunta? Feliz com o dinheiro que sai? Isso ninguém está.

7. Trabalhar com lixo é -----

Resposta: É bom, eu gosto, ai! Será que eu gosto? Sou obrigada, e se não trabalhar com o lixo via trabalhar onde. Eu gosto de trabalhar, só não gosto de gente enjoada. É o que mais tem. Nós trabalhávamos no lixão, sabe Roberto. Lá no lixão era bem diferente daqui. Porque lá no lixão cada um catava seus materiais. (intervenção de g – cada um fazia para si) Tinha um tal de Ricardo e Laura, você conheceu eles? –não. Então eles deixavam nós catar o dia que eles animava, deixava nós catar plástico, ai nos catava dois, três, quatro saco que dava mais dinheiro. Mas se estava ali e você estava fazendo o que você quer mesmo. Aqui não, aqui é uma frescuragem, (...) mas eu gosto, gosto. Faz isso fulano, faz isso cicrano. Ih! Não gosto de ser mandada. (...) (assuntos impróprios).

ENTREVISTADA: g 47 anos

1. g você trabalhava no lixão?

Resposta: não eu catava na rua.

2. Ser mulher-catadora é (direcionada para as mulheres) -----.

-Existe uma diferença entre a catadora e a não catadora?

Resposta: não. (AH interrompe: na rua é difícil de mais. Tem que andar carregando saco na cabeça, quando não é na cabeça é no carrinho, eu acho aqui muito mais fácil.) Eu levava para casa e quando tinha muito eu e tino (a) descia e vendia. (AH: aquele peso na cabeça!) Aquele hidrômetro de água, o meu que eu tenho lá na rua, você lembra né! Eu pus com dinheiro da catação de papel na rua. (AH: papel, latinha, papel eu não catei muito não. Mas latinha eu não perdia o baile dos formandos ai.) Conceição de Macaé você lembra, dava as revistas lá da creche onde ela trabalhava, ela nos dava, eu e tino (a), era o dia inteiro carregando revista (horário de almoço g raspa o fundo da marmitta).

- g se retira para ajudar a colega de trabalho a arrastar um saco de vidro de desodorante para ser retirado o alumínio, porém AH continua a conversa falando: no ano que vem vou ver se eu procuro algo para fazer. Eu estava no barzinho do trevo, estava sentindo um abafamento com aquela cozinha. Suava o corpo que pregava até a roupa.

- g retorna e continuamos a entrevista

3. Trabalhar na usina é -----

Resposta: A diferença daqui para a rua e que aqui a gente tá trabalhando e ninguém da rua está vendo a gente catar.

4. Trabalhar com lixo é -----

Resposta: não é ruim não, não é bom. Razoável.

5. O dia-a-dia de trabalho na Usina é -----

Resposta: tem dia que tá bom tem dia que não tá bom.

6. Viver só da catação é-----

Resposta: É difícil, né, que aqui custa demais sair dinheiro. Nós recebemos aqui mês de abril e o mês de maio agente não recebeu

7. Trabalhar na esteira, presa é -----

Resposta: muito cansativo, tem que catar muito trem bobo! Eles jogam trem pro lado eles jogam trem pro outro, ih!

ENTREVISTADA: Maria Aparecida de Oliveira - Presidente da ACAMARE- 51 anos

-Qual foi a motivação para a união das turmas

Resposta: Sempre fui contra a união dos dois grupos, mas chegou um ponto que não tem como não unir, porque o grupo lá uma pessoa saiu de licença, a outra saiu da Associação e ficaram 4 mulheres, com que 4 mulheres vão trabalhar na separação dos recicláveis e separação com o lixo. Então até então, eu venho brigando (...), porque não é questões pessoais nem nada, é questão de trabalho, mas chega um ponto que não tem como, então vai, conforme foi passado para elas, vai unir a partir do dia 02/06, está contando no papel o nome delas (começamos a misturar os papéis) vamos fazer uma experiência. Porque não é uma alteração de pessoa, mas sim alteração de turno. Como a gente trabalha de 7 horas ao meio dia, a gente tinha uma renda, essa renda tem que dobra, porque vai trabalhar dois turnos. A gente vai fazer essa experiência para saber quanto vai ser a renda nos final dos 30 dias, porque vai trabalhar o dia todo. Então a renda tem que melhorar, esse é um dos motivos da união dos grupos.

- A partir de agora vai ser um único, um único grupo?

Resposta: vai ter a ACAMARE (...) período de experiência vamos ver, claro. Porque eles aceitaram a nossa regra as nossas normas.

- você está no Fundão?

Resposta: Não, eu sou do Fundão. Eles aceitaram as nossas normas, então vamos ver se adaptam a nossa forma de trabalho, porque até o regime interno eles aceitaram (...) vamos ver o que vai acontecer no decorrer desses 30 dias.

-Então eles se adequaram ao regimento interno de vocês?

Resposta: o regimento deles age de uma forma é coisa deles, (não é nossa, por exemplo, eles não fazem divisão do vale para aquelas pessoas que, enfim eles dividem o vale para todo o grupo, nós só divide para aqueles que produzem. Nós pagamos atestado fora do nosso horário eles normal (...) é muitas outras coisas também.

- Se caso de certos vocês vão montar um regimento onde todos estão incluídos?

Resposta: Então, eles já concordaram com tudo, inclusive na turma deles, por exemplo, de uns tempos pra cá, antes não era assim. Com cinco faltas está fora da sobra, o nosso não. Eles falam que nós somos rígidos, mas é engano. Na nossa turma (fundão) com 10 faltas está fora da próxima carga. 3 falta está fora da sobra. Cinco faltas estão no esquema de 10 %. Resumindo, você fica fora da carga, fora da sobra e ainda entra no esquema de 10% do salário. Que é rateado com os outros que não tem cinco faltas.

1. Fazer uma descrição sobre a entrada do resíduo e até a comercialização

Resposta: o resíduo chega, quando a gente estava em dois turnos, (...) depositado, passa pela esteira e a gente vai triando, depois fazem a separação por cor, é colocando aqui. Um dia na semana se está pela manha, a gente fica até mais tarde, para fazer a separação por cor, é a triagem final. Porque tem o diferencial dos preços por cor. Então é isso que é feito. E logo em seguida ele é prensado aí então é que é vendido.

- Quais os materiais que vocês separam que tipo?

Resposta: papel, papelão (...). É tirado o papel bom e o misto. Bom, embalagem de geladeira, filé. Qual é o misto? Misto caixa de brinquedo, embalagens de sapato (liso) esse tem a embalagem lisa. Do misto é tirado. E desse misto é tirado também o sabão em pó e o outro. São três tipos de papelão: - Bom, mistos Omo, revista, papel propaganda, - papel branco, só branco, - jornal também e o Omo é um valor só. Os preços são diferenciados (...)

- o pet é da mesma forma

Resposta: o pet também é separado, branco do colorido (verde), porém o preço é o mesmo. Garrafinha que é o leitoso, que é diferencia o preço do branco e colorido é outro. Metal: tem o metal, tem o cobre tem antimônio, latinha de alumínio, tem a

panela, tem a estamparilha, inox, tem um inox inferior que é chamado de (...). Tem o cobre bom, mas o preço é o mesmo. O cobre que é tirado de motores tem o cobre que é queimado (são os pedaços dos fios que são queimados) e o metal, tudo tem preço diferenciado. O alumínio duro, panela e esses vidros de perfumes e tem a latinha, tem o antimônio todos eles, tem também o marmitex em preço bem inferior e o Raios-X.

-como é a comercialização?

Resposta: Então uma vez no mês (próximo a carga fechar) de 30 em 30 dias trabalhados e não dias corridos o que vai mudar agora, porque a gente está vendo uma forma de ter um dia certo para fechar o ponto. Mas é com 30 dias trabalhados e não dia corrido que corresponde a 35 e 37 dias e recebe com mais de 40 ou 50 dias. Ai quando a carga está quase, faz uma cotação liga para os compradores (atravessadores) e vê qual é o melhor preço. Agora existe, até um tempo atrás alguns compradores inclusive um, que já estava acostumado aqui, que já conhece o nosso material. Então ele nem vem, ele dá o preço, a gente entra em contato com outros. Se o preço dele for melhor a gente fecha com ele e ele só vem no dia de buscar. Ai tem muitos que já conhecem o material daqui.

- hoje tem quantos atravessadores que vocês se relacionam?

Resposta: Pois é tem o antigo que não tem comprado, porque o galpão dele está em reforma. E tem 2, porque não sei, nem citar o nome deles por que este tipo de trabalho quem faz é outra pessoa. Então eu não tenho muito conhecimento dos nomes dos compradores. Agora tem o Paulo, por exemplo, que levou o papel este mês, não posso nem afirmar se é o mesmo do mês passado, porque eu não pergunto muito em relação a isso, porque eu faço minha parte e deixo. Enfim quem tava fazendo o pagamento sou eu, depois que Marília saiu, eu vou lá faço a folha de pagamento do pessoal todo. Mas enfim, até o dinheiro contado ali eu não meto. Na hora que o dinheiro está na minha mão que eu vou fazer a conta, vou ver quem fez vale quem não fez. Às vezes tem problema com 10%, essas coisas ai você acaba, vai você, via você, agora vai me jogar para Ponte Nova (depois da entrevista ela me diz que não é Ponte Nova, mas sim Ubá) vou passear um cadinho. Mas tem o Paulo que levou o papel, tem esse rapaz que tá saindo, não é esse comprador, tem muito tempo que ele não compra (...). Mas é o Lani, (...) nem um de Viçosa. Já vendemos para o Odair, Bibigamba de Viçosa, com mais frequência para o Bibigamba. Mas a maioria dos compradores é de Ponte Nova, Muriaé, juiz de fora, Cataguases, (...) Ipatinga (...) este está meio parado, ele não está comprando o filme então tem problemas porque muitas vezes um quer o material outro quer outro. Então às vezes chega um comprador, até estou com um cartão de um comprador (...), ele só compra filme branco e colorido e os preços são bons, mas ele comprava (...) em menor quantidade, eles vão ampliar agora ele e o sócio dele e vão passar em comprar em grandes quantidades de diversos lugares, para fazer embalagens. Ele só fica com o filme, então que dizer o filme, branco tem muita saída,

o colorido tem menos saída, inclusive misturando com o da Pif Paf que dificulta mais a saída dele, só que tem pessoas que prefere ele igual muitas fabricas de mangueira essa coisa tem outros que vem aqui e querem a garrafinha, outros querem só o Pet. Então para nós não podemos vender o pet a garrafinha entregar para um e deixar o filme porque ai o filme vai agarrar. Quem via sair para buscar um material ruim, eles querem o bom. Por causa do bom eles acabam levando o outro também, entendeu? Porque a gente não pode vender um para um, outro para outro. Quem quiser a garrafinha e o pet que é a preferência de todos os compradores, então eles têm que levar o resto do material também. O mesmo caso acontece com o papel. Se eles querem o bom vai ter que levar o ruim também. Mas geralmente eles tem comprador para isso, só que às vezes eles arrumam um pouquinho.

- Você mesmo que ligam, fazem todos os cálculos. Tem todas as planilhas?

Resposta: Sim, a gente faz o contato com o comprador, a gente que vê, faz a divisão do dinheiro, enfim, só que essa planilha é feita na secretaria da Agricultura, porque o Marcelo faz (...) eu já fiz algumas vezes tudo na mão, o pessoal pediu o Marcelo estava viajando e não podia fazer ai eu fiz, tirei a porcentagem (...). A planilha é feita lá aí muitas vezes a cotação a gente faz lá. Porém o Marcelo às vezes está viajando (...), agora quando Marcelo chegar vocês lá, na próxima carga e vocês levam as planilhas para ele conferir, bater tudo certinho.

- Essa lógica de repasse dos valores é decidido em regimento com é que ele foi estabelecido, Vocês fizeram uma reunião, vocês decidiram tudo isso? Como era rateado os valores?

Resposta: Desde que começou até então entrei com 5 meses de funcionamento já era assim (...) Então , já era assim uma associação , então não tem patrão. Não tem nada todo mundo trabalhando igual, dividindo em partes iguais. Se eu tenho uma falta então essa falta minha é tirada. Que é a sobra três falta minha é tirada, esses três dias é rateado entre aqueles que têm menos de três falta.

2. Ser mulher-catadora é (direcionada para as mulheres) -----.

Resposta: Eu não sei te dizer o que é ser uma mulher catadora. Em qual sentido você perguntando?

-Você sente diferença entre ser uma mulher catadora e não-catadora.

Resposta: qualquer pessoa, que é catadora. Tem a diferença entre a mulher catadora e a não-catadora, porque não há diferença no trabalho por que todo trabalho é digno, honrado, porém é vista com indiferença catadora e não-catadora. É visto pela sociedade pelo poder público com indiferença. Então nos somos a mesma pessoa não tem diferença entre a mulher catadora e a não catadora. Nós somos uma pessoa só, (...) Eu lá fora por exemplo se eu tiver a noite em uma festa eu sou olhada de uma forma se eu tiver aqui dentro eu sou olhada de outra. Você entendeu! É uma coisa eu aqui dentro, é uma coisa eu aqui fora. É uma cosia eu lá fora de banho tomado, arrumadinha e perfumada eu sou olhada com outros olhos. Eu aqui dentro, sou a

mesma pessoa, mas lá fora eu sou olhada diferente. Independente do lugar se eu falar que eu trabalho aqui eu já sou olhada com os olhos pra baixo. Então essa é a diferença entre as duas mulheres.

3. Ser catador é -----

Resposta: (...) aqui não pode ser chamada de catadora. Quem trabalha aqui dentro, assim catadora de materiais recicláveis (...) são os catadores na rua, aqueles que catam na rua são catadores. Aqui nós somos manipuladores de resíduos sólidos (...).

4. Trabalhar na usina é-----

Resposta: trabalho importante é um trabalho importante, mas é um trabalho que não tem nenhum incentivo, é um trabalho não reconhecido pela maioria da sociedade. São muito poucos aqueles que têm conhecimento do nosso trabalho aqui dentro. É um trabalho importante é um trabalho em defesa do meio ambiente, hoje a gente vê falar muito disso ultimamente (...), mas é um trabalho se você me perguntar o seu trabalho é satisfatório, eu vou te responder que não. (ênfase no tom de voz)

5. Trabalhar com lixo é -----

Resposta: como que eu posso te dizer esse é (...) é o mesmo que eu falei, é um trabalho como outro qualquer, acho (...) se o seu sustento vem de um trabalho honesto é válido, mas trabalho com lixo, não é nada importante, não é nada satisfatório (...) eu não vejo (...), trata com indiferença, (...) para algumas pessoas é lixo, não significa nada então para mim não é nada. Se você me perguntar: Cida você tem vergonha hoje em mexer com lixo? Eu responderia que não, não, tenho orgulho, mas também não tenho do que me orgulhar, porque não sou reconhecida, como trabalhadora e defensora do meio ambiente. Eu sou vista como lixeira. Por exemplo: chamada como lixeira. Esse trabalho nosso aqui, para muitas e muitas pessoas lá fora não tem importância. Então é para nós mesmo que tira a nossa renda daqui.

6. Parceiros da ACAMARE-----

Resposta: são projeto InterAção, é o ITCP incubadora e agora não sei se eu posso falar ou não: SAAE, mas que é!(esboçou muita dúvida, franziu a testa e sorriu) Deixa para lá, enfim são esses né!

7. SAAE é-----

Resposta:

8. Lixo é -----

Resposta:

9. Trabalhar com coleta seletiva é -----

10. Prefeitura é-----

Resposta: é nada, nada, o que a prefeitura é nada. Representa nada para a gente. Aqui dentro nada, nada mesmo. Nunca fez algo de bom.

11. Dividir dinheiro da separação dos materiais é-----

12. Igualdade é -----

Resposta: igualdade você fala aqui dentro ou lá fora?

-aqui dentro ou lá fora?

Resposta: igualdade é nós somos todos iguais, não tem ninguém há mais que ninguém. Nós recebemos todo mundo igual. Somos tratados como seres humanos entre nós mesmo, porque lá fora somos diferentes igual que falei com você anteriormente, aqui nós somos todos iguais. Porque aqui não tem como um ser diferente do outro. Porque todo mundo mexe com a mesma coisa. Tem a mesma função. Então, um olha para o outro da mesma forma. Porque somos todos iguais dentro da Associação, nos somos

todos iguais. Não existe diferença porque um é presidente é financeiro, não. Todo mundo mexe com a mesma coisa, todos somos iguais aqui dentro. Lá fora somos todos diferentes.

13. Economia solidária é -----

Resposta: Então, o que eu posso falar sobre economia solidária. É o que nós fazemos. Empregando uma pessoa que tá precisando. Ajudando o outro, unido a turma, agora por causa da, pelo fato de ter quatro pessoas e não terem como triar sozinho trabalhar sozinho isso é uma forma de economia solidária.

14. Comercializar é -----

Resposta: o que eu posso te dizer, a isso (...)

- sobre os materiais recicláveis...

Resposta: A forma como a gente vai vender aqui, por exemplo: é o que eu te disse anteriormente, tem o contato com os compradores e tal, não tem muita coisa não. Apoiar a gente não tem ninguém. O que eu posso lhe dizer, não sei!

15. O dia-a-dia de trabalho na Usina é -----

Resposta: Bom, a gente conversa entre as pessoas aqui, eu faço se tornar o melhor possível, embora tem muitos que comem comigo atravessado e não engole bem, mas eu tento viver bem com todo o mundo aqui no dia-a-dia. Procuo sorrir sempre conversar sempre. Embora (...) torna mais difícil, pelo menos aquele não me engole, pelo menos tenta. (rssss)

16. Momento de desespero como catador é -----

Resposta: momento de desespero é essa hora quando a gente leva um tombo do comprador, esse é o momento de desespero que acontece e aconteceu aqui dentro, porque a nossa renda sai daqui de dentro. Um momento de desespero como duas vezes isso como já foi assaltado. Também é um momento de desespero porque vc tem uma dívida lá fora, contando com aquilo é aquilo não vem, e no mais é isso e o preço baixo. Momento de desesperador aqui tem uma quantidade de fardo, está o pátio cheio, vc vai fazer cotação, os preços caíram, a conta de luz, água, para pagar lá fora, isso a gente entra em parafuso; porque você conta com o valor, você tem o tal da dívida, cara! Eu não faço dívida com dinheiro daqui porque não tenho data para receber, depende da nossa produção. Mas dá que você calcula mais ou menos uma produção que tem ali vai dar x no final do mês. Ai acontece que naquele dia de entregar aquele material os preços despencam porque tudo, a gente não mexe com o dólar, mas ele mexe com a gente, depende da cotação do dólar. Então despenca tudo ai. A gente tá imaginando um valor, quando vai fazer a cotação aquele valor que era anterior, já caiu pela metade (...) a gente entra em desespero, por que a gente não tem apoio nem ajuda de custo, apoio financeiro de nenhuma entidade. Então, só conta com o que a gente produz, e às vezes isso é insuficiente.

17. Ser autônomo é -----

Resposta: É ruim, porque não temos nada, o que nós temos? A gente trabalha por conta própria é ruim? Em parte, porque se nós tivéssemos um patrão nós teríamos uma carteira assinada. Se nós tivéssemos uma carteira assinada nós teríamos um INSS. Se nós tivéssemos um INSS nós estaríamos assegurado no futuro de ter uma aposentadoria decente. A gente poderia ter um atestado coisa que nós não temos, coisa que nós não temos porque nós somos autônomos, nós não temos INSS, nós não temos 13 salário, as férias é colocado por nós mesmo, cada um tira, dois de cada vez. Então nós temos direito algum assegurado. Essa é a parte ruim de ser autônomo. É bom não ter patrão? É! Ser autônomo é bom? É, mas embora a associação tenha as regras; mas

nós não temos nenhum direito assegurado por lei, (...) o qual nós temos aqui sim trabalho na Associação, na usina de reciclagem, manipulando os resíduos sólidos. Nós temos muitos direitos, mas como procurar, e a quem procurar esses direitos, nós não sabemos. Nós temos conhecimento que temos esse direito. Uma ajuda financeira para a gente. Essa ajuda vem como diz que vem (...) ICMS-ECOLÓGICO, nos nunca vimos à cor dele. Vai para o bolso de alguém porque para o cofre da união, sem chance.

18. Viver só da catação é-----

Resposta: é horrível, você não tem outra renda, (...) não é suficiente para você ter um família, ter uma vida digna e dar o melhor para os filhos, pensar no futuro dos filhos, porque você trabalha e só vive o hoje, é o meio de sobrevivência, a pessoa não vive, ela sobrevive existem pessoas que vivem da catação dos materiais recicláveis nas ruas, mas eu garanto a você que eles não tem uma vida digna, falar que tem um sonho (...) nem sempre tem aquele valor na mão, igual o que eu falei anteriormente, tem a queda de preço; então a gente vive como não existe, associações que são remuneradas, tem apoio de prefeitura apoio da assistência social de onde que tem uma ajuda de custo que cobre muitos gastos ou as vezes, numa época de chuva uma época de queda, tem aquele dinheiro que pode contar ou completa a renda dele com essa ajuda de custo, igual que paga INSS, existem muitas associações, inclusive as que eu tive contato, com os representantes em vários (...) lugares das conferências que fui em Leopoldina, Belo Horizonte e Brasília (...) todos eles tem apoio da prefeitura ou de alguma entidade que completa o apoio financeiro e isso é lamentável porque esse trabalho é importante (...) nós estamos limpando a cidade, é uma forma indiretamente, estamos para a prefeitura. Só que a prefeitura não reconhece a gente mexe com coisas perigosas (...) mexemos com vários lixos (...) seringa, sangue, fralda descartáveis, vidro, produtos químicos, nós mexemos com coisas perigosas também, por isso nós tínhamos que ter uns salários insalubridade pago pela prefeitura, ou pago pelo SAAE. Hoje a limpeza pública terceirizada, se você for cobrar, eles vão: você é empregado nosso? – Não, então não entendo. Mas fora daqui esse trabalho nosso ele é reconhecido, só não é reconhecido, só não é reconhecido aqui em Viçosa, mas fora daqui esse trabalho nosso ele é reconhecido, só não é reconhecido aqui em Viçosa, mas fora daqui tanto a prefeitura quanto a sociedade reconhece o trabalho das pessoas que trabalham com material reciclado e com o lixo também.

19. Trabalhar na esteira, ter a presa é -----

20. Resposta: É bom, é importante, tem pessoas que não tem isso. Conheci usinas que a esteira é parada. E assim o lixo, tem a luva e vai passando um para o outro. A estrutura aqui é das melhores. A esteira roda (móvel) o espaço é enorme, (...) falta aqui é qualidade de trabalho, até mesmo o trabalho nosso. (...). A usina aqui era para ser exemplo porque a estrutura é excelente claro que falta alguma coisa. Falta algumas adaptações por (...) na verdade essa usina não foi construída para a utilidade que tem hoje (...) o pessoal não foi convidado a trabalhar, eles foram jogados eu não falo: eles foram jogados, eu não estou falando de mim, porque quando abriu foi para tirar o pessoal do lixão que iria fechar e colocar aqui dentro. Quando eles colocaram as pessoas aqui dentro deveria dar todo apoio, estrutura adequada para eles trabalharem, eles simplesmente, tiraram o pessoal do lixão e jogaram aqui, e nessa eu entrei também, mas eu nunca fiz parte do pessoal do lixão. Por isso, que eu falo eles foram jogados. Porque quando entrei já estava em funcionamento.
- Porque você veio parar na usina?

Resposta: É o que eu falo com todos, eles falam que não deveria ser assim, mas eu vim por falta de opção e continuei e acomodei, esse foi o meu erro, porque na época em que estava em funcionamento aqui trabalhei na Chequer Coelho, eu era bordadeira, trabalhei três meses de faxineira (...) fiz um curso passei e fiquei trabalhando três anos na Chequer Coelho, onde eu era bordadeira. A Empresa faliu. Eu prestei serviço mais um ano em casa, depois faliu totalmente. Eu fui trabalhar em casa de família, trabalhei mais três anos, numa casa de família que são pessoas excelentes, só que de lá eu sai, por questões financeiras, por parte deles que tiveram problemas financeiros e tiveram que cortar gasto e neste caso ai e o primeiro corte, é do empregado. Eles não cortam gasolina, deixa de sair de carro não, vai primeiro no empregado. Então quando eu tinha um salário, um salário e meio, vale transporte, todos os direitos garantidos. Eles resolveram colocar uma que tivesse menos, não teve nem conversa, não sei, na época eu até me surpreende muito. Hoje eu converso com os meus ex-patrões (...) e eles falam eu nunca tive nada contra você, as portas estão sempre abertas. Quando precisar é só bate na porta que você é bem-vinda. Só que eles no canto deles, eu no meu. São dois mundos muitos diferentes as pessoas. Enfim ai, eu como eu nunca escolhi trabalho para pó comida no mês, (...) porque eu sou pai e mãe, eu sou a única responsável pela família. E quando você vê a lata batendo, cantando um samba pedindo alguma coisa você olha para os filhos, mesmo grande, mas dependente de você. Não tem muita escolha. Eu não penso muito não que vou fazer. Eu penso é em correr atrás e pó comida na mesa entendeu? Então eu nunca tive esse problema comigo de trabalho. Nunca tive medo de trabalho. São coisas que não me assustam, qualquer um que seja. Eu já lavei roupa, já fiz faxina, eu já até cai aqui dentro, já fiz de tudo, graça a Deus, honestamente. Meus filhos comeu bebeu, até o presente momento. Com o suor do meu rosto que eu tirei o sustento deles. Vim parar aqui, na esperança que fosse por pouco tempo, até eu arrumar coisa melhor e sair, mas ai fui acomodando. No inicio foi difícil para eu acostumar (...) tive muitos problemas de adaptação, porque eu nunca tinha posto a mão no lixo, eu mesmo sendo pobre nunca tinha mexido em uma lata de lixo, nem para pegar uma coisa que interessava, uma propaganda no lixo. Vim para cá pela necessidade (...) eu me esforcei, acomodei, foi um erro que as pessoas cometem, acomodei; hoje o tempo foi passando, foi passando (...) hoje minha chance nenhuma. Quando eu entrei aqui eu tinha uma chance de conseguir um emprego. Ai não vim para cá por falta de opção e não ter um emprego e precisar (...) eu vim para cá e fui me acomodando. Hoje aos 51 anos, sem chance nenhuma (voz mais baixa, entonação de angústia, tristeza). Eu jurava que não iria ficar por muito tempo, jurava que eu iria aposentar aqui dentro isso eu falava com eles assim: Eu vim para cá um tempo, mas eu peguei e fui acomodando. Esse foi meu erro. E hoje está eu aí, aos 51 anos. Não sei se tem essa pergunta: Qual é a minha expectativa daqui a cinco anos? Eu vou te responder nada, nada. Quais são as perspectivas não tem. Posso sonhar com vida melhor, futuro melhor aqui dentro? Quem sabe, quem sabe no futuro eu possa sonhar (...) porque no presente, agora, sem sonho. Então eu vivo o hoje, porque não tem como, aqui não tem um atrativo. As pessoas aqui trabalham, mas aqui, igual eu te disse um meio de sobrevivência, não é, você trabalha aqui porque você não tem opção. Vou trabalhar porque este mês eu vou comprar uma televisão nova, vou dividir em tantas vezes. Com que você vai contar todo mês, eu tenho esse salário eu vou contar com ele. Eu já tive um dia, eu já trabalhei ganhando três salários mínimos na Chequer Coelho (...) então eu podia saber que eu podia gastar até três salários. Ai eu sai de lá e fui trabalhar no condomínio

Belvedere, na casa do professor (suprimido) e professora (suprimido). Eu ganhava um salário e meio e um vale transporte. Então (...) já caiu o meu padrão de vida, mas eu tinha com o que contar esse mês eu vou poder comprar isso, por que eu vou tirar meio salário para isso, outro salário par fazer isso e isso. Ai eu tinha o que; vou sonhar igual mês passado nós recebemos 550 e 457, mês passado. A renda desse mês agora provavelmente não chega aos 400. Então como você pode sonhar em ter uma vida melhor com a renda que você tira aqui dentro. Você não pode, não tem como você sonhar em comprar alguma coisa que você não sabe. Hoje o pátio pode está cheio de material ai o preço está lá em baixo e você não tem dinheiro nenhum, então, não tem como você sonhar com dias melhores, então a gente tem pensar no de amanhã. Agora é errado você pensar assim, está dando para comer, eu não vivo só de comida, eu preciso muito mais do que arroz e feijão. Eu tenho um sonho, só não posso contar com isso aqui para sonhar, para realizar o meu sonho. (...) Agora se você me perguntar que eu faço para eu não, eu me mexo, eu to mexendo com minha casa, eu trabalho de garçoneite, festa no fim de semana. Eu trabalho sábado, até domingo. Igual eu trabalhei o dia 31. Todo mundo se divertindo, na passagem de ano eu estava trabalhando. Dia 25 de natal, depois do almoço todo mundo estava bebendo eu fui trabalhar depois que passou 5 horas eu fui trabalhar sábado. Passado agora eu trabalhei de dia. Trabalhei domingo. Então são coisas que eu faço, eu não fico parado contar com isso, eu, eu não posso. Ai eu parto, administro bem o pouco que eu ganho, invisto ele bem ai eu vou mexendo, fiz um financiamento fiz laje na minha casa eu estou construindo em cima da minha casa, aqui ninguém sabe não. Estou mexendo lá construindo em cima da minha casa para os meus filhos não. Minha filha casou mora na Grotta dos Camilos, até você foi convidado e não foi. O meu filho, ele e a namorada estão construindo em Cajuri, a casa dele está enorme, está ficando bonita, agora vai ficar meu filho caçula comigo. Um dia se eu puder terminar, eu alugo uma e um meio de sobreviver. Completar pelo menos minha renda. Entendeu? Porque aqui ninguém tem INSS, como e que você pede pelo menos se as pessoas tivessem consciência no nosso trabalho lá fora. Tanto prefeito, a sociedade eu sei, porque nenhum chega aqui para saber se a gente precisa de alguma coisa no frio. Por exemplo, não estou falando que nós somos coitadinhos não. Coitadinhos é aqueles que estão doentes aqueles aleijados que não podem trabalhar, não tem como. (...) Nós não somos coitadinhos nós somos pessoas que estamos aqui batalhando para defender o pão de cada dia nosso, mas nós precisamos de apoio de ajudar, nós não encontramos. Você vai lá fora existe campanha, eles passam na minha porta pedindo agasalho para levar para a São Vicente de Paula, Camilo Chaves para distribuir para os pobres. Hoje eu doeí uma camisa aqui, amanhã vou lá, vê se eu ganho uma peça eu não ganho. Eles olham para mi e dizem: Você não precisa não, isso já aconteceu inúmeras vezes. Hoje eu falo para você não devo prefeitura, não devo Camilo Chaves, São Vicente de Paula, não devo a sociedade nada, eu não devo eles nada. Nunca tive uma ajuda ou apoio de nenhum deles. Assim, como não tem aqui dentro da Associação. Alguém pensou em fazer uma campanha de uma cesta básica de Natal, não. Ninguém nunca pensou, mas vêm inúmeras pessoas aqui conhecer a Usina, fotografar, mas para ajudar nunca entrou uma pessoa aqui interessada em ajudar. Por isso que eu falo agente tem apoio, nós não temos, (...) prefeitura até mesmo o SAAE, não sei. Num futuro pode ser que eles venham fazer alguma coisa, eles estão começando, agora, eu não posso falar eles não fizeram nada, Por que? Porque tem que organizar a casa, ele está começando agora pode ser que no futuro eles invistam na Associação, porque eles estão investindo no Espaço, Espaço

para a gente não é importante. Importante somos nós. Então o que acontece alguém lá fora já parou para pensar no pessoal que trabalha aqui dentro tem, não tem INSS, que não tem uma ajuda de custo, alguém lá fora que está deitado, lá numa época de chuva está lá sabendo que o seu pagamento vence todo dia 5, eles já pararam para pensar que se tiver chovendo como que a gente sobrevive aqui. Como que a gente tem como produzir e ter o que comer no final do mês. Eles não pensam nisso. Eles só pensam: aquele pessoal não quer trabalhar. Que isso, eu já ouvi de caminhoneiro, que são abusados! Do próprio Júlio, que se ele trabalhasse aqui dentro tinha colocado todo mundo na rua (...). Tem pessoas que tem dificuldade para entender, as vezes se vêem muito lixo, muito material para cá, puxa vida, o pessoal não passou, eles não tem capacidade de entender, como você, já teve uma vez em cima da esteira. Se encher de mais o material vai embora se for pouco fica agarrado lá me cima. Então tem a separação por cor, então tem (...). Essa época, por exemplo, tem material lá em cima, por que não pode passa material? Por que é época de venda, está todo mundo pensando, carregando o caminhão, separando material, uma correria. Então o material tem que ficar parado, por que não tem como fazer as duas coisas. É uma dificuldade de entender, então ficam jogando que está aqui dentro, mas lá fora ninguém pensa em quem está aqui dentro. E você pode está certo ninguém nunca parou para pensar em época de chuva: como aquele pessoal da Usina está fazendo, A semana inteira está chovendo como eles vão fazer; se eles não tiverem renda. Como eles vão comer no final do mês. Pode está certo ninguém nunca parou para pensar nisso. Está fazendo muito frio, será que aquele pessoal lá tem um agasalho? Por que a renda deles é muito baixa. Ninguém nunca pensou nisso. Entendeu?! Então, é cada um por si e Deus por todos, falasse muito em economia solidária, tive muito nestas conferências sobre economia solidária, mas eu posso te garantir como toda a certeza, como dois e dois são quatro que nestas conferência e a gente quer falar muito em economia solidária; se as pessoas se ajudarem, mas não verdade só falam, mas eles não praticam. Então não adianta não, porque falar todo mundo fala, mas ninguém prática a economia solidária. Dentro da economia solidária. Ninguém prática a economia solidária. Então cada um está pensando em si. Pode apostar nisso.

- A ACAMARE também se inclui?

Em parte si, em parte si porque a gente faz igual, vamos supor assim: Aquela menina está pedindo um emprego vamos dá um emprego porque ela está precisando. Então vamos ser solidário a ela. Vamos trazê-la para cá. Mas nós não estamos pensando só nela. Nós estamos pensando em melhorar a produção, nossa com ela. E com isso nós vamos ter mais ganho você entendeu. Na teoria tudo é muito simples, na prática do dia-a-dia ninguém é como fala é só conversa fiada. Eu falo assim, porque eu sinto assim, (...) pode ser que minha forma de pensar seja errada, mas sinceramente na prática não, muito bonito para falar vamos ajudar o próximo e você vê muito isso na rua, eu escuto muito isso, mas na verdade ninguém faz nada de graça para ninguém. Sempre tem algum interesse por traz disso tudo que eles faz, mesmo que não tenha financeiramente que eles tenham aparecer; de alguma forma eu escuto muito isso. Desde que eu era criança minha mãe dizia: o que a mão direita dá a esquerda não precisa saber. O que a mão esquerda tiver a mão direita não precisa saber. Então se você fez um bem para mim, porque você faz de coração, só você sabendo e eu, basta; não precisa de mais ninguém agora você sai daqui e fala: fiz aquilo para a Cida lá. Eu comprei o remédio para ela, eu fiz, porque você falou, porque você quer aparecer, você não fez para mi ajudar de coração. Porque você fez para mi ajudar, você de

comentar com ninguém não precisa de ninguém saber não. Se você falou que fez é que você quer aparecer. Entendeu, então eu para não fazer isso, porque eu não faço nada, não pratico caridade, a economia solidária eu pratico fora daqui? Claro que não, não vou ser simples de falar assim, não. Eu pratico, eu não, eu não faço isso. Entendeu? Quando eu ajudo uma pessoa eu ajudo para ajudar, uma pessoa pediu ajuda naquele momento eu pude fazer aquilo eu vou lá e faço e pronto. Então isso não é praticar economia solidária isso não é ser solidário ao próximo. (...) acho que eu estou falando mais do que devia, não tem nada ver com o seu trabalho ai (...).

- A gente fica até incomodado

Não isso é meu ponto de vista, pode ser que não seja isso, mas também é a forma como eu vejo as coisas.

- Eu compartilho, ouço e respeito.

Então, mas você já imaginou se todo mundo pensasse da mesma forma, o mundo não teria nem graça, então (...)

- Cida muito obrigado.

(....)

Fim.

BIBLIOGRAFIA

AH. **Entrevista oral gravada**. 09 de junho de 2011. Viçosa-MG. Entrevistador: Roberto de Melo Figueiredo: Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa/MG, 2011.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho?** 8ª reimpr. São Paulo: Editora brasiliense. Coleção primeiros passos. 2008.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. 2ª Edição, 10ª reimpressão, revisada e ampliada. São Paulo: Boitempo, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **Norma NBR 10.004**: Resíduos sólidos – Classificação. São Paulo. 2004. p. 71. Disponível em: <<http://www.aslaa.com.br/legislacoes/NBR%20n%2010004-2004.pdf>>. Acesso em: 02 de jan. de 2011.

BAGGIO, Ulysses da Cunha. **A luminosidade do lugar**: circunscrições intersticiais do uso de espaço em Belo Horizonte: apropriação e territorialidade no bairro de Santa Tereza. Capítulo 3: Santa Tereza: territorialidade pelo uso. 2005. 236 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Departamento de Ffch – Fac. De Filosofia, Letras E Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 138-192.

BARROS, Vanessa Andrade de; e PINTO, João Batista Moreira. **Reciclagem**: trabalho e cidadania. In: KEMP, Valéria, H. e CRIVELLARI, Helena Maria T. (Orgs) **Catadores em Cena Urbana**: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008. p.65-82.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Tradução de Artur Morão. Rio de Janeiro: Elfos ed., Lisboa: Edição 70, 1995.

BURGOS, ROSALINA. **Periferias Urbanas da Metrópole de São Paulo: Territórios da base da indústria da reciclagem no urbano periférico**. Tese apresentada ao Depto. Geografia – FFLCH/USP. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-10032010-110647/pt-br.php>>. Acesso em: 23 de jan. de 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLC, 2007.

CARNEIRO, Eder Jurandir e CORRÊA, Petterson Ávila. A produção social da catação de lixo. In: KEMP, Valéria, H. e CRIVELLARI, Helena Maria T. (Orgs) **Catadores em Cena Urbana**: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008. p.133-154

CASTRO, Eliana de Moura e MACHADO, Marília Novais da Mata. **O sentido do trabalho na trajetória de Carolina Maria de Jesus**, Trapeira e escritora. In: KEMP, Valéria, H. e

CRIVELLARI, Helena Maria T. (Orgs) **Catadores em Cena Urbana**: construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008, p. 183-200.

CMMAD/ONU - Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. **Nosso Futuro Comum**. Tradução de Our common future. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1991.

FACISA-UNIVICOSA. **Áreas:** Cursos. Disponível em: <<http://www.univicosa.com.br/area/cursos>>. Acesso em: 13 set. 2010.

FACULDADE DE VIÇOSA. **Graduação:** Cursos. Disponível em: <<http://www.faculdadevicosa.com.br/site/modules/tiny2/>>. Acesso em: 01 dez. 2010.

FIGUEIREDO, Paulo Jorge Moraes. **A Sociedade do Lixo**: Os Resíduos, a Questão Energética e a Crise Ambiental. 2ª Ed. Piracicaba - SP. Ed. UNIMEP, 1995

FREITAS, Eunice Mendes. **Entrevista oral gravada**. 05 de maio de 2011. Viçosa-MG. Entrevistador: Roberto de Melo Figueiredo: Secretaria de Assistência Social, 2011.

GONÇALVES, Marcelino Andrade. A Reciclagem de Materiais e Diminuição da Vida Útil das Mercadorias. (In) TOMAZ JÚNIOR, Antônio; OLIVEIRA, Ana Maria Soares de;

GONÇALVES, Marcelino Andrade (Orgs) **Geografia e Trabalho no Século XXI**. Editora Centelha: Presidente Prudente. v. 3, 2007, p. 154- 190.

GUÉRIN, Isabelle. **As mulheres e a economia solidária**. Trad. Nicolas Nyimi Campanário. São Paulo: Editora Loyola. 2005.

HARVEY, David. O fordismo. In: HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 5ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 1992. Cap. 8, p. 117-134.

_____. Do Fordismo à Acumulação Flexível. In: HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 5ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 1992. Cap. 9, p. 135-162.

_____. Teorizando a transição. In: HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 5ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 1992. Cap. 10, p.163-184.

_____. **Espaços de Esperança**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades@**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em: 12 de set. 2010.

_____ **Estimativas:** Projeções da População. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_Projecoes_Populacao/. Acesso em: 07 de set. 2010.

JACOBI, Pedro (orgs.) **Gestão compartilhada dos resíduos sólidos no Brasil:** inovação com inclusão social. São Paulo: Annablume, 2006.

KEMP, Valéria Heloísa. Empreendimentos solidários: desafios para enfrentar a naturalização das desigualdades sociais. In: KEMP, Valéria, H. e CRIVELLARI, Helena Maria T. (Orgs) **Catadores em Cena Urbana:** construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008, p. 23-48.

LAUREANO, Roberto. Movimento Nacional Dos Catadores de Materiais Recicláveis. **Cooperação de Empresas Socialmente Responsáveis e Iniciativa de Economia Solidária.** Disponível em: http://www.ethos.org.br/CI/apresentacoes/apresetacoes_09-06/RobertoLaureano-MovNacCatadoresMateriaisReciclaveis.pdf. Acesso em: 23 mar. 2011.

LIMA, Francisco de Paula Antunes e OLIVEIRA, Fabiana Goulart de. Produtividade técnica e social das associações de catadores: por um modelo de reciclagem solidária. In: KEMP, Valéria, H. e CRIVELLARI, Helena Maria T. (Orgs) **Catadores em Cena Urbana:** construção de políticas socioambientais. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008, p. 225-248.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana.** Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. Cap.1. p. 14- 32

MA. **Entrevista oral gravada.** 09 de junho de 2011. Viçosa-MG. Entrevistador: Roberto de Melo Figueiredo: Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa/MG, 2011.

MAGALHÃES, Marcos Alves de. **Entrevista oral gravada.** 06 de junho de 2011. Viçosa-MG. Entrevistador: Roberto de Melo Figueiredo: Sede Serviço Autonomo de Agua e Esgoto, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnica de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7ª edição, 3ª reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

MINAS GERAIS. CONSELHO ESTADUAL DE POLÍTICA AMBIENTAL - COPAM. Secretário de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. **Deliberação Normativa COPAM nº 52:** Convoca municípios para o licenciamento ambiental de sistema adequado de disposição final de lixo e dá outras providências. Disponível em: <http://www.siam.mg.gov.br/sla/download.pdf?idNorma=5479>. Acesso em: 14 dez. 2011.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO - MTE. **Classificação Brasileira de Ocupações:** Descrição. Trabalhadores da Coleta e Seleção de Material Reciclável. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>. Acesso em: 26 mar. 2011.

OLIVEIRA, Maria Aparecida. **Entrevista oral gravada**. 09 de junho de 2011. Viçosa-MG. Entrevistador: Roberto de Melo Figueiredo: Usina de Triagem e Reciclagem de Viçosa/MG, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento**: Manejo ambientalmente saudável dos resíduos sólidos e questões relacionadas com os esgotos. Capítulo 21. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/cap21.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2011.

RODRÍGUEZ, César. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (ORGS.). **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, Cap. 8, v.2, 2005.

RIBEIRO, Helena et al. **Coleta Seletiva com inclusão social**: cooperativismo e sustentabilidade. São Paulo: Annablume, 2009.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Edusp, 2004.

SAAE – SERVIÇO AUTONOMO DE AGUA E ESGOTO. **Concursos**. Disponível em: <http://www.saaevicosa.com.br/portal/?page_id=355>. Acesso: 08 de jun. de 2011

SOUZA, Charles Benedito Gemaque. **A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia**. Confins Revista franco-brasileira de Geografia, 2009. Disponível em: <<http://confins.revues.org/5633>>. Acesso: 15 jul. 2011.

STEINBERGER, Marília. Territórios, ambiente e políticas públicas espaciais. (in) STEINBERGER, Marília (org.). **Territórios, ambiente e políticas públicas espaciais**. Brasília: Paralelo 15 e LGE Editora, 2006, p.29-82.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Pró-reitoria de Planejamento e Orçamento - Diretoria de Tecnologia da Informação. **UFV em números 2009**. Disponível em: <<http://www.ufv.br/proplan/ufvnumeros/numeros2009.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2010.

WALDMAN, Maurício. **Lixo: cenários e desafios**: abordagens básicas para entender os resíduos sólidos. São Paulo: Cortez, 2010